

Um conto canibal

Gustavo de Godoy e Silva¹

Doutor em Antropologia Social/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-1649-5509>

gutzii@gmail.com

Quebrando a cabeça com o inimito

Entender um mito depende, antes de tudo e visceralmente, de tornar-se também seu narrador. Quando contamos um algo, seja um causo ou um mito não apenas “aumentamos um ponto”: somos interpretados nele e por ele. A repetição da narrativa, seja de um único mito diversas vezes ou de mitos diferentes, faz com que a análise surja quase sozinha. A estrutura se decanta.

Para isso, basta ser um passarinho atento, um *dénicheur* de sinais sensíveis, daqueles que, como se diz, são “bons para pensar” (tal expressão já foi tão usada que parece gasta, mas ainda serve). Ouvir e recolher mitos é essencial, ler também. Mas realmente só entendemos o jogo do mito quando passamos a narrá-los com nossa própria voz. Com isso exercitamos a mente humana em nós.

Portanto, só é garantido que entendemos de mitologia quando nós mesmos passamos a ser narradores. Com o tempo, percebemos algo mais profundo: na verdade, é o mito que nos narra. Ele pensa através de nós, molda nossa experiência e nos devolve transformados. É como nas grandes torções trágicas, à maneira de Édipo: o investigador descobre que é, ele mesmo, o culpado que procurava. O narrador se descobre contado no mito que acreditava apenas contar. Somos executados pelo mito, que é pensado através de nossa experiência, nem sempre segundo a nossa vontade, como foi observado em *Le cru et le cuit* (Lévi-Strauss, 1964).

¹ Pesquisador do departamento de linguística Universidade do Texas em Austin. Professor do departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Trabalha com o povo ka'apor desde 2014.

E mito significa apenas o ato de narrar, como se dizia na forma arcaica da língua grega, antes de ela entrar na nossa lista de palavras cultas através do inglês. (Confira-se o *Wiktionary*,² em que *μῦθος* serve para palavra, fala, conversação, conselho, provérbio, narrativa, conto, entre outros).

Há mais de uma década, ouvi pela primeira vez a história de Aé. Foi logo na minha primeira semana de campo. A primeira narração que gravei aconteceu como um teatro — ou talvez um filme, já que registrei tudo com a câmera. Alguns jovens, guiados e dirigidos por Valdemar, uma das maiores lideranças do povo Ka'apor, foram convidados a se ornamentar e subir um morro próximo à aldeia Xie Pihum Renda.

A escolha do lugar não foi por acaso: era dentro daquele morro que se passava o mito que vou narrar a seguir. Depois, pedi para Valdemar contar a história em uma roda de jovens, dessa vez de forma mais tradicional. Ele foi o narrador. Eu já conhecia a fama de Valdemar. Foi com ele que negocieei minha entrada e estadia em sua aldeia, localizada na borda sudoeste da Terra Indígena Alto Turiaçu. E já tinha visto que ele estava acostumado com câmeras e com explicar o mundo ka'apor para os forasteiros como eu.

Valdemar é um grande conhecedor dos costumes do povo ka'apor, e grande liderança. Ele foi um dos responsáveis pela atual política territorial ka'apor, de criar aldeias nas proximidades dos limites da Terra Indígena. O povo ka'apor habita a Amazônia Oriental. Lá sua Terra Indígena é a última grande área de floresta conservada. É um refúgio em meio a uma região alvo há décadas de atividade madeireira criminosa, cercada por fazendas de gado, por plantações de soja, por garimpos, bem como por roças ilegais de maconha, e explorada por caçadores e pessoas vindo tirar recursos como estacas e açaí. Por essas pressões, primeiro de tudo para conter os madeireiros, é que o povo ka'apor agora tenta fazer um bloqueio de aldeias no entorno de sua Terra Indígena.

Volto ao mito de Aé. Eu já tinha lido esse mito que vi encenado, narrado. Afinal esse é inclusive o grande elo da construção das primeiras cenas do segundo volume das *Mitológicas*, escrita já há um número considerável de décadas (Lévi-Strauss. 1966. *Du miel aux cendres*. Paris: Plon). Mais por causa de duas versões contadas pelo povo tenetehar (M188-189) do que pela versão ka'apor. Tanto melhor.

O povo ka'apor e o povo tenetehar falam línguas que integram a grande família tupi, da sua subdivisão mais conhecida, a chamada tupi-guarani. Curiosamente, esse mito não é um dos mais comuns, tal como outros que esses povos contam. Melatti (2021)³ observa isso em seu site com síntese de características das áreas etnográficas da América, onde

2 <https://en.wiktionary.org/wiki/%CE%BC%E1%BF%A6%CE%B8%CE%BF%CF%82>

3 Capítulo D2: Amazônia Oriental, disponível em: <https://www.juliomelatti.pro.br/areas/d2azor.pdf>

aponta como os dois mitos compartilham uma estrutura comum. A grande questão do mito ka'apor: em quais condições surgem suçuaranas meleiras, cujos ossos azuis serviam de miçangas? Uma questão muito lógica, tendo em vista que a tradição tenetehar observa que foram jaguares encantados que ensinaram a festa do mel a seus antepassados. Certamente esse é um clássico da mitologia da América do Sul e mundial.

Foi logo nos primeiros dias de meu primeiro campo em território ka'apor, e o primeiro campo que fiz que posso chamar realmente de campo. Como já mencionei, eu primeiro vi o mito encenado pelos jovens como teatro, ocasião em que gravei a atuação, para depois escutá-lo (à época sem entender) narrado por Valdermar. Além disso, poucos dias depois, quando já estava trabalhando na transcrição do mito falado, pedi para o mesmo Valdemar também contar o mito em língua de sinais, visto que ele é um bom conhecedor da língua de sinais ka'apor.

Aquelas cenas não só nunca saíram de minhas lembranças, como um *big bang*, mas também me obriguei a passar várias horas na frente delas, buscando interpretar os gestos e a fala de Valdemar. E depois, os seus sinais. Foi com essas imagens que aprendi que transcrever gestos e sinais é um trabalho de Sísifo – eu tentei criar um sistema meu de transcrição em minha tese, chamada *Os Ka'apor, os gestos e os sinais*, defendida em 2021, no Museu Nacional.⁴ Não dei conta de aplicar esse sistema à totalidade da narrativa, a tempo hábil de defender minha tese. Mas ao menos foi útil para descrever alguns aspectos da gestualidade ka'apor.

Valdemar organizou essa expedição para um morro. A intenção era irmos exatamente onde poderia ser uma entrada da morada de Aé. Estávamos sentados em cima do mito: mas eu ainda não sabia. Digo sentados em cima do mito porque boa parte da história de Aé se passa dentre de um morro, tal como aquele onde estávamos. Foi o primeiro e maior evento narrativo que presenciei.

Essa encenação do mito como um teatro ou filme a ser gravado ocorreu por um motivo: eu tinha uma câmera. Eu ainda não era muito familiarizado com essa câmera. Hoje, ela já é uma parceira antiga, fiel companheira de campo, sem a qual eu não entenderia boa parte do que hoje sei da tradição ka'apor. A câmera chamou a atenção dos filhos e do genro de Valdemar – Jamoi, Tete e Marquinho – junto de quem já comecei a usar a câmera depois da primeira noite dormida na aldeia *Xie Pihum renda*. Hoje Jamoi e Marquinho já sabem usar bem e gravam por conta própria.

4 Godoy e Silva, Gustavo de. 2020. *Os Ka'apor, Os Gestos e Os Sinais*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. O leitor interessado pode conferir nas pp. 289-317 a versão falada e nas pp.318-325 a versão em sinais.

Alguns dias depois, Valdemar decidiu: vamos fazer um filme. Era o filme do mito do Aé. Tornou-se narrador e diretor das cenas. Até então eu não sabia que Valdemar já tinha sido um ótimo ator em um filme de comédia com longas cenas faladas em ka'apor, *La Gran final*.⁵ As crianças portavam a plumária que é difícil mesmo de ser encontrada em grandes eventos.

Hoje em dia, meu dedo é já calejado e cansado de segurar camcorders. Mas naquele momento, eu não estava à altura do desafio que Valdemar propôs. As cenas da encenação não são de enquadramento bom, quando gravei o mito esqueci de ligar o gravador. Enfim, um novato que ainda estava aprendendo algo que não se ensina na formação como antropólogo. A minha sorte foi ter feito, poucos dias antes de entrar em campo, um curso de documentação linguística, organizado por Denny Moore, o maior estrategista do saber linguístico que já conheci. Nessa oficina aprendi com Glenn Shepard, antropólogo e refinado cineasta, que o vídeo é a arte de narrar com a sintaxe da percepção visual, que seus cortes são conceitos.

Após a gravação, passei vários dias na frente do laptop, e ao lado de professores: notadamente do filho de Valdemar, Jamoi. Mas também de Karairan e Marquinho, que me ensinaram linha por linha, palavra por palavra, o sentido da tradução. Assim que aprendi uma parte considerável do ka'apor: com os falantes ao lado, e no computador aberto o Elan, uma ferramenta de anotação de vídeo e áudio, onde transcrevíamos as gravações.⁶ O Elan (Eudico Linguistic Annotator) é um software gratuito do Instituto Max Planck que permite anotar, em múltiplas camadas sincronizadas, arquivos de áudio e vídeo para análise linguística e multimodal, isso é, dos gestos e outras atividades corporais. O Elan certamente deveria ser parte do conteúdo obrigatório em nossa formação de campo. O Elan certamente ensina-nos a prestar atenção à fala e ao comportamento.

Eu estava, naquela época, fascinado por línguas de sinais. Que beleza! O povo ka'apor tinha uma língua feita a partir de um jogo de imagem e ação que se condensou em um sistema de signos de uma parcela da população, nesse caso, os surdos. No grupo de crianças que Valdemar ensinava a fazer trabalho de campo em seu território e através de sua própria tradição, estava Irasui, menino surdo que foi motivo de minha chegada na aldeia e a quem eu passaria boa parte da minha estadia na aldeia recorrendo para me ensinar. Esses dois eram apenas dois dos vários professores que eu tive e que eram grandes sinalizadores: Filomena, avó materna e mãe de criação de Irasui, o finado Mati, avô materno e pai de criação do jovem.

5 No Brasil o filme foi intitulado *A Grande Final* é um filme de 2006. Diretor: Gerardo Olivares. Produzido por Wanda Films e Greenlight Media AG (Espanha e Alemanha).

6 Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acessado em 04 de Agosto de 2025

A lista de versões que gravei depois dessa contam com grandes narradores do povo ka'apor: o finado Sarumã ru (ou Mati), Nasare mãi (ou Naji), Quintino e Kahari. Meu colega e amigo André Sanches de Abreu gravou também com Sarumã mãi (ou Filomena). Citei esses narradores no interior do mito.

Como comentei, gravei uma versão apenas em sinais da história de Aé. Embora minha filmagem tenha ficado meio tosca, já que minha mochila aparece no cenário, o vídeo alcançou alguma repercussão, pois foi usado como exemplo em uma questão da Olimpíada de linguística. Pode ser conferido em: <https://youtu.be/ltuSbKYQBP4>

Aquele momento mítico e as atividades que se seguiram, de aprender uma língua a partir desse ponto de origem me acompanham até hoje como um espírito familiar. Foi ali que, pela primeira vez, compreendi a força das histórias dos antigos. Ainda levaria muito tempo para começar a aprender a narrar por conta própria e, assim, pouco a pouco, me tornar também um “antigo”.

O filho de Valdemar, Valdemir (que não é velho, mas é bom de contar mito) explicou que o jovem que narra mito demais envelhece rápido. A tradução que apresento aqui é um subproduto dessa minha tentativa de me tornar velho. Certamente ainda inicial, mas, mais do que isso: infinita. Em 2018, tive uma ideia quase óbvia e que me motivou: que eu só poderia entender aquela versão se eu gravasse mais versões, com diferentes narradores de diferentes famílias, de diferentes aldeias. Afinal, o mito revela-se em seu grupo de variantes.

No texto que se segue tentei contar minha versão: nada do que há nela é ficção, embora eu tenha inventado para além do tudo. Contar um mito é sempre praticar um plágio autorizado de uma história sem autoria. Isso já nos ensinou Macunaíma há algum tempo. Sempre estive, a partir de então, em dívida com a grandeza da floresta e do resiliente povo que insiste, em preservá-las: “somos moradores da mata”, dizem as pessoas do povo ka'apor. E são as histórias vindas da floresta que continuam contando.

O mito de Aé é uma história emblemática. O povo ka'apor é conhecido por sua arte plumária: o mito nos conta quando esse patrimônio foi adquirido por eles. Foi na guerra que um irmão fez a um povo inteiro de gente Jaguares encantados. Desse povo, as suçuaranas eram caçadas por seus ossos azuis. Dos ossos faziam miçangas. Hoje em dia, por ironia colonial, as miçangas vêm até mesmo da República Tcheca, de uma cidade em que miçanga se torna lixo de rua.

Na mata há, igualmente, árvores de belas sementes, verdadeiras joias. Mas foi um povo depredado que ensinou que predava a beleza das aves. Os Aé deviam matar paramentado, tinham roupa de gala para cometer um homicídio.

Talvez meu texto poderá parecer está achegado demais aos devaneios e desvios. Entretanto essa narrativa expressa verdades – trata-se, logo, de um texto de realidade. Não é ficção. Ele foi construído seguindo de perto a lógica dos eventos tal como contados em diferentes versões do mito de Aé.

Lembro que certa vez uma amiga jornalista, Teresa Urban, que tinha acabado de escrever um livro de ficção, comentou que alguém disse: “Há realidade demais nesse livro para ser ficção”. Ela respondeu: “que nos jornais, há ficção demais naquilo que se pretende realidade.” Às vezes há também ficção demais naquilo que queremos que seja realidade em nossas etnografias – quando tentamos impor uma manipulação intelectualizada. Isso vale tanto para as nossas filosofias teóricas quanto para o modo como os mitos aparecem nas etnografias de modo geral. Achamos que conceitos terminados em -ismo ou -idade transformam nossos textos em interpretações das realidades. Ficção ontológica! (Para usar uma palavra em voga.) Nesse texto talvez eu possa ser culpado disso: rebusquei demais o linjaguar. Certamente, quando eu tentar fazer algo mais passível de ser chamado de etnografia, buscarei ser claro e simples na expressão das verdades.

Com frequência, os mitos são apresentados em versões exclusivamente em português e reduzidas. Certamente elas são muito valiosas por seu conteúdo e, principalmente, raridade. E certamente existem versões razoáveis, embora escassas em transcrição interlinear, feitas à moda da linguística. Entretanto, todas pecam por um aspecto básico: raramente vemos a foto do narrador e nunca temos informação completa sobre os gestos que o narrador realiza. Contar um mito é, necessariamente gesticular suas cenas. Assim, mesmo as melhores coletâneas ainda estão apenas nas vizinhanças da forma real e do sentido das narrativas, entendida como execuções concretas. O caso do filme dirigido por Valdemar levou isso às últimas consequências do gesto: levando os jovens até a atuação em primeira pessoa.

Minha versão é livre mas, no entanto, não é traduzida: é uma versão incorporada. Além de incorporar diferentes versões em ka’apor, incorpora a fragmentos de estilos e palavras do português que achei por aí em livros, músicas ou bocas e que me parecem interessantes. Tentei preservar ao máximo os detalhes exuberantes presentes nas versões que escutei dos meus professores do povo ka’apor. Escutei e gravei esse mito várias vezes, e sua encenação dirigida por Valdemar foi assistida e reassistida há vários anos nas aldeias quando eu a reapresentava.

Demorará ainda para transcrevermos todas as versões, se é que um dia o faremos, observando em detalhes sua variação. Mas elas já cumpriram e cumprem seu papel maior: terem sido narradas e tornadas reprodutíveis e, dessa forma, podem ser vistas e ouvidas

pelos falantes de ka'apor. Quem quiser se fiar na existência fonte primária, além de poder consultar uma amostra na minha supracitada tese, pode acessar e se aventurar em língua ka'apor, há 7 versões disponíveis no *Archive of the Indigenous Languages of Latin America*: <https://ailla.lib.utexas.edu/sets/26637/>

Hoje outras versões estão arquivadas no acervo digital que montei com André Sanches, como já disse, grande amigo e parceiro de pesquisa. O acervo se chama: *Yman har ma'e pandu ha: Myths and accompanying co-speech gestures in Ka'apor*, e se encontra disponível em: <https://www.elararchive.org/dk0704>. Essa coleção está no *Endangered Languages Archive* (Elar), que é um repositório de acervos de línguas minoritárias. As pesquisas que resultam em coleções nesse repositório são financiadas pelo *Endangered Languages Documentation Programme* (Eldp) é um programa que oferece financiamento e treinamento para pesquisadores mundo a fora. O treinamento é para ensinar sobre como é que funciona a linguística documental, que exige boas gravações de dados primários, que estejam organizados claramente por metadados, identificando os consultores e pesquisadores. O Eldp ensina também sobre a qualidade e manejo dos equipamentos.

O Eldp fornece o dinheiro, mas quem o gere é uma instituição, como uma universidade ou organização que saiba prestar contas deve gerir o dinheiro, no meu caso o departamento de linguística da Universidade do Texas em Austin. O Eldp seleciona em diferentes categorias de financiamento, a depender da experiência dos propositores e do tamanho do projeto: <https://grants.eldp.net/en/> O programa está instalado atualmente em Berlim e é um dos principais promotores dessa metodologia em nível mundial, documentando línguas de centenas de povos ao redor do mundo. É uma ótima fonte de financiamento, além de ser uma instituição educadora, pois ela ajuda a divulgar uma metodologia que certamente deixa o trabalho de campo mais fiável: a documentação linguística.

Sem mais, vamos à execução do mito.

Antigamente, escuta bem, foi assim que ocorreu...

Lua nova sussarana vai passá
Sêda branca, na passada ela levô
Ponta d'unha, lua fina risca o céu
A onça prisunha, a cara de réu
O pai do chiquêro a gata comeu
Foi um trovejo c'ua zagaia só
Foi tanto sangue que dá dó
(Elomar).

Escutem bem! Prestem atenção no que vou palestrar, senhoras e 'nhôres. Eis a estória que vou transmentir a mecês. As 'nhoras e senhores vão botando vosso perceber neste conto. Escuta bem, leitor de muita instrução. Assim, mecês vão poder, igualmente, contar. Diz-se-que-direi aos siôres dôtôres, professores acartados, o que já é meio sabido.

Caros leitores hão-de ter fé na essência do causo. Eis que não relato os factos como m'os contaram, entretanto vero o entrecho. Quem sabe nem tudo que direi seja próprio de bacurau estar escrevendo. O que acontece é que as estórias, em mitos sendo, não se depreendem do narrador – mas o performam. Entre pessoas passeiam. Nos narradores se penseiam, executando-os! Enfim, nas gentes, as estórias, metediças em nossa especulação. Abelhudos, os mitos antepassados tãoqualmente entrepensam-se, xereteando a si mesmos.

Diz que me disseram o que agora eu direi: foi assim que sucedeu! Foi o que Eu Mesmo da Silva, Kuxitaw, em estando lá, ouvi e aprendi com os netos dos que preavam Aé – os Ka'apor. Assim que ouvi o que m'os contaram Andemá (que também m'o sinalizou), Andemi, Kahari, Naji, Mati, Tewi, Kixin Kawasu Putyr e outros que ainda nos falta digerir para dirigir comentários sobre. Assim qu'os olhei em vídeo o finado Jupará. Também de outros que m'os contaram: minúcias e pequenidades, aclaramentos e explicados detalhes.

Outros já ouviram, e provavelmente vos narraram, acartados leitores. Assim que o Xien ouviu do finado Tanduru, traduzido pelo Pimenta. (Que ouvi em áudio.) Muitos anos antes, Ndotô Ndacy (o Ribeiro) ouviu do mesmo Tanduru, mesmo na época Jovem Tanduru, Ndacy impressionou-se com o saber do jovem – que foi traduzido pelo João Pinga-Fogo. O Francik Camarada Comprido vindo da Inglaterra, *Sa'e Puku*, ouviu de Antonio-hu. Alguns já escreveram sobre... Assim que Eu entendi os Caapores contar para mim. Bem, os leitores ouvirão, e aquele que leu pode saber.

Ouçam bem! Então: vocês poderão contar que uma vez...

Na mata alta e beiradeando o rio, encontra-se a jupuúba. Frondosa é a árvore, grande, de ramagem ampla. Na época de sol quente, jupuúba bota fror. Abaixo de sua grande de copa surgem uns fios, esticados, dos quais brotam, em forma de bulbo, suas flores. Estas flores de jupuúba são bolas avermelhadas, florezinhas agrupadas, jupuúba-putira. Da fulô da jupuúba sai um líquido, seu néctar – doce-doce, CE-EM! como um mel.

A flor vira em vagem. A vagem é comida de bicho. Comida por arara. Outra destas vagens caem no chão, dando de comer a alguns bichos: é o caso do veado, que come bem vagem de jupuúba. Da vagem saem as sementes. Das sementes brotam novos visgueiros – brotos jupuúba filhotes.

Alguns bichos que se sustentam na jupiuba, bebendo sua fror, como o jupará. Jupará bebe bem o néctar de flor de jupuúba. Outro que se sustenta na jupuúba é Aé. Este Aé fulô-chupa bem. A história aqui contada trata de Aé.

O sol se põe. Chega o lua cheio. Em estando noite, Lua-guaçu alumêia o pé de jupuúba. Uma cara redonda aparece, de um bicho de pelagem densa de cor marrom-vermelhaça. O bicho sai de uma oca em um tronco. Este bicho é o jupará; embiara noctâmbula. Se cria no côncavo das árvores. Dorme lá no alto. Só come de noite; quando clareia o dia, jupará entoca-se e dorme. Como guariba, é prático em ficar pelo alto das árvores – anda de árvore em árvore como bugio. De costume, mantém-se de frutos silvestres e gosta de néctar. É por isso que se dirige até a flor da jupuúba, para beber seu sumo.

Subindo com suas ágeis patas, também o rabo serve para se prender na árvore. Lá no alto, Jupará usa sua comprida língua para extrair o néctar da frô redonda. Escuta um VVVVVVvvvveento. O vento sopra forte.

Já o Aé vem das profundezas. Mas é colega de Jupará.

O vento traz Aé. Aé é uma alimária veloz, desconfiada, de corpo esguio, cabelo macio, de pelagem acastanhada, meio parda. A alimária abunda na região e é alvo de encarniçada guerra. À vez cinzento, à vez marrom-avermelhado; marrom-acinzentado bem claro, marrom-vermelhaço escuro – ou mesmo aloiradas, à vez amarelentas. Isto nas costas, no dorso. A barriga e o peito são um tanto mais claros, quase brancos. E o rabo comprido, com preto na ponta. Eh, é vermelhaça, mas os filhotes são pintados... A mãe ri com os filhotes. Mãe: boca de lado a lado, raivável por suas crias.

Munganguento: rosto carrancudo, cara larga, carangonça, focinho esbranquiçado; orelhas malemalmente arredondadas. Olhos reluzentes como brasa, com pupilas cinzentas ou doiradas, olhos arredondados como gato, que lhe luzem de noite tanto que se conhecem por isso a meia légua. Olhos cintilantes. Olhalhão brilhoso. Seus dentes são presas cônicas com algumas ranhuras. A sola das suas patas almofadadas para suas andan-andanças e seus pulos maneirinhos. Suas pernas traseiras são compridas, treinadas em bem pular. Ágil e leve, sua língua é áspera.

É fera das mais bestiais, besta mui feroz. Mãozo. Unhas mui agudas e de grandura e tem tanta força que com uma unhada que dão já rebentam suas embiaras. Suas unhas são garras que se escondem nos seus dedos espaçados. Mega-unhas retráteis! Mas veja que não totalmente: algo das unhas assassinas – uns restolhos de garras – fica sempre para fora da pele dos dedos que a cobrem.

Felino encontradiço, na noite clareada por Lua, em pau de visgueiros-de-bolotas. Quando jupuúba dá flor, a gente vê. Em noites iluamiadas, as bichas, miando, ficam aluadas. Além de terem como seu de-chupar fulô de jupuúba, vivem de rapina de embiarias. Caça de emboscada – entocaia. Nas tocaias solertes, traiçoeiras aos veado-mateiros. Apesar desta preferência pelos suaçus, manducam outras embiarias. SUÚ! SUÚ! SUÚ! Devora a presa. Não pega parte separada carneada para alimentar-se. Mas mete a cabeça no cadáver, & vai tragando – guardando o mesmo por alguns dias, a modo de repetir a merenda.

De noite dá uivos e ronrons gemidos. Caça de noite, também ao pôr-do-sol e ao amanhecer. Noctambula-perambula sigilosamente, suas patas em sendo silenciosas em suas passadas. Anda na maciota.

É alimária remedadoura, inteligente – imita a voz de suas embiarias. São remedadoiras da voz de taiaçus, do som dos mutuns, dos jacamins. Remedam mesmo o assobio da gente. Bicha de assovios, guinchos gritos ronronados vocalizações e ronrons grandes de achar que já roncô truvão, embora nem não de grito do grosso como de sua parenta pintalgada – a pinima. (Esta, a pinima, que tem como berro um esturro rugido do linjaguar que soa como trombeta grave.)

Quando não acha meio para uma vingança dos seus, se embravece, com horríveis brados. Afoga sua frustração vãmente. Algumas rastreiam os caçadores, para tentar rapinar o que os amerabas matam.

Fera que tem garras, dentes, & olhos semelhante a gato, Aé é cissuarana. Não concordão os naturaes na decripção desta fera, uma entre outras espécies a que o Gentio do Brasil chama *Jaguarete*. Tem muita ligeireza no correr e no saltar – assim como no andar por cima de árvores. Furiosa ligeyreza. Salta por cima a-pique altura, saltando já trepa bem nas árvores. Fera velossíssima. Matam os amerabas se os podem alcançar – degustando a carne da gente. Tragador de carne humana. Pelos sertões adentro, perambulam, vivem nas serras, na rampa da serra, em ladeiras e outeiros. Nas morrarias há tocas de cissuarana.

‘TOU!

vento

vem

ao

oa

avoa

av

Aé

jaguaretê

Aé e a árvore: a jupuúba. Aé não é como um pura visagem, pensamento ou espírito. Aé é gente enviesada, embora jaguretê. Avoa no mundo da copa das árvores, entretanto mora no submundo, abaixo do solo.

(A ilustração a seguir da onça)



Figura 1. *Cvgycuarana* Brafilienfibus, *Tigre* Lufitanis, ali est illius species. Magnitudine & figura plane convenit cum *Iagvara*, colore solummodo differt. Nimirum pilos habet breves ut *Iagvarete*, coloris instar capreæ ex flavo rufescentis & Paulo dilutioris quam illius, & in dorso obscurioris, submento albicat paululum, uti & in infimo ventre Crudelitæ cæteris est similis. Caro ejus etiam comeditur, uti & reliquarum duarum specierum, & magis mihi probatur.

Fonte: Piso & Marcgraff, 1648. *Historia Naturalis Brasiliae...* in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur.

O vento enorme é à suguaçarana feitiçosa Aé que concerne. É onça encantada que já vem comer. É Aé, o iauareté-pitanga que fica aluado. Fica pelo vento urrã-urando, miã-miando. Rosno bruto. Suçarana-ventania. Uma ventania, diriam os Camaradas em português-caraíba. Mas não. É sinal de que este jupará vai ter companhia, pois com o vento chega Aé:

– “HUM! HUM! É onça que já vem comer!”

Não é quarqué onça. Num é animália comum. É Aé! Alimária-encantada, o Aé não se vê de dia, quando tá claro. Aé é suçarana-pajé, cuguardo-encantado. Pelo vento ele fica. Aé é com o vento e como a ventania. Suçarana-Aé aparece quando o Lua alumêia, quando o lua tá guaçu, o Lua cheio brilhaaando alumia de claro!

Intrépidos, extremamente porradeiros: hão-de matar ou hão-de morrer que fugir. Em época antigas a gente Ka'apor matava Aé. Para os antigos matarem estas alimárias esperam-nas em cima das árvores, adonde as flexam, e lhe tiram a ossaria – para usarem à moda de enfeite. Sua ossama é azul-verde. Miçanga joia da boa! Se fêmea, é mais pro azul, acaso macho, mais para o verde-mesmo. Algumas destas alimárias ao serem acertadas, fingidas atuam de mortas no chão, para novamente investir sobre seu inimigo, o caçador.

São fuaçugarana, da casta das onças.

Este Aé é Suçarão. Puma, jaguapitanga, cugar, cuguardo, pantera: suçuarana. A onça-vermelhaça é alimária da casta dos tigres, dos jaguetês. Tem para si os Caraíbas (que herdaram língua de seu avôs lusos, os Portuguezes) que iagueté é onça, e que onça suçuarana é onça-vermelha ou onça-parda. Outros dizem que é Tigre, e suçuarana, leão-baio, leão-da-montanha. Os Castelhanos que aprenderam com os Quíchuas nos trouxeram importada a palavra *puma*, para onça-parda.

A casta de onça encantada são Aé. Uns bichos peculiares: puma que avoa como o vento forte, Vento-Suçuarana, vevea bebea RRUUU-RRUUU: chegava um Aé avoando RRUUU-RRUUU... TÃ! Pousava na grande jupuúba. O Aé ia flor-buscar. Acocorava-se no galho da jupuúba, para flor-pegar e flor-esprem-espremer. Néctar-beber. O mel desta flor de jupuúba bebi-bebia: este é de-beber de Puma encantada Aé. Com uma cuiazinha em suas mãos. Aí Jagua-pitangas Aé outras flores-pegava – seus cordões, puxava, estes pedúnculos longos. Então, flor-esprem-espremia, a flor redonda chupa-chupando o mel da flor.

Ao que parece, nem tudo é o que aparece. Nem tudo se auto-parece. Mandiocaba é que Aé pegava numa cuiazinha. Assim a mandiocaba parece como néctar de flor aos Cabeça-Preta. para Aé ela aparece como o que é mandioaba. A flor da jupuúba espreme dentro da pequena cuia. Disseram-que-diz que os antigos disseram que o néctar da flor é mandiocaba de Aé-suçarana. O que a gente vê como néctar, Aé vê como mandiocaba. É bom pra ele. É mui doce pra ele. Aé come bem.

Entretanto, Aé igualmente apreciava de-comer carne de gente. Aé é puma, feroz de besta-fera avoante, mas é gente bestial, carneceira, comedora de carne de gente. É bicho marvado, de igual é gente canibal! De noite fica de onçagem na jupuúba. Hoje num tem gente que veja Aé, não, mas Aé tem aparência de jaguetê de cor pitanga: onça-amarronzada, gatão de uma cor só...

Aé é assim: homem suçuarana onça-parda gente humana abaetê iauareté pessoa bicho puma homo pantera. Um aé é gente entretanto Suçarana. É um humano entremeio um jaguetê. O que se vê é pessoa bebendo na jupuúba. O que se mata é onça-vermelha – e era o próprio Onça que pensava que ser Gente a estar tomando mandiocaba.

Aé assim que é, assim que Aé vivia, assim era costume de Jaguaretê-aé. Um abaetê jaguaretê meleiro! Para o Aé, caapor era Cabeça-Preta, por causa do cabelo – assim que chamava a gente caapor. Caapor – Acanga-pixuna para Aé, na idioma dele, em jaguanhenhém.

Em tempos aborígenes, o modo de ser dos ka'apor era afetado pelo matar de Aé, diz-se que. As gentes caapores Aé-caçavam. Caça-caçando jucá-jucá. Preavam as gentes-pumas Aés por causa de seus ossos – antigamente. De primeiro era esta a joia do parente Caapor. Aé tinha ossada pintada. Bonita que só! – de cor azul-verde, azul-verde de bom para fazer adorno para ficar bonito. Bom de fazer miçanga! Mulher-puma Aé é de osso azul escuro. Homem de jaguaretê Aé é de ossaria verde. Miçanga-Catu!

A ossada verde-azul de Aé era uma pura beleza! A bunitiza da ossada era de verdade! Essas gentes caapor antiga cortavam o osso dele, espedaça, vai pica-picã-picando, espedaçã-daçã-daçando fazendo pedaços pequenos e finos – assim artesanavam contas azuis. Faziam dela umas miçangas lindas! Colocavam dentes de Aé em volta do pescoço. Ah! O dente era cabedal bom, azulzinho. O osso de jaguaretê Aé que servia de ornato à moda de colar.

Assim era o costume, o enfeite dos antigos caapores – de osso azul de jaguaretê meleiro. O que é que faziam com a carne de Aé é que não se sabe ao certo. Comiam? Jogavam fora? Não sabemos... (Já a carne do colega de Aé, o Jupará, é saborosa. A gente caapor até hoje come. É carne gorda! Inclusive é bom para fazer filho e filha nascerem bonito. Um jovem ou uma jovem que comerem vão gerar filhos bons-belos. Mas onça não se come.)

A jupuúba ao vento e... TÃ! vinha Aé: a gente caapor esperava bem. Tinha que TXÉ! flechar bem Aé-jaguar: TSÕÕÕ morre apenas se acertar a flecha no lugar certo. Era assim que abaeté fazia, caapor antigo, os finados avôs dos caapores.

A mulherada queriiaa-que-queria demais joia de osso de Aé. Queriam meter em fios a miçanga óssea. Terminada a enfiadura, osso de Aé virava adereço que volteia o pescoço. A cunhãzada ficava é doooida. Querendo ficar paramentadas, doridas de desejos, querendo miçanga de osso de Aé. Quando algum marupiara preava e trazia o osso de Aé, dividia – as cunhãs ficavam em fila-pucu assim: parecia fila de banco em dia de tirar dinheiro. De bolixo algo pequeno já virava uma LDI cristais de preciosas antes jablonex.

Das miçangas de osso: não havia sobejidão. Alguns já tinham matado o Jaguar-de-ossaria-azulega. Entretanto, um ameraba Cabeça-Preta tinha feito disso profissão. Diz-que-disseram que um marupiara, apajeado, até se especializou na caça de Aé. Fez disso comércio. Este marupiara fazia escambo com a ossaria azul. Marreteiro de miçanga. Era valioso – cepiaçu. Não valia trocar por irrisórios caraminguás. Melhor que se oferecesse

valor bom, ao trazer objetos para trocas em seus patuás, caramemuás ou patiguás. Nesses estariam os bons badulaques e balangandãs. Dativava-se osso de Aé em contraprestação de outras mercadorias: flechas de taquara, flechas de ponta de ferro, arco-irapara:

– “Aqui está o que é seu, camarada! Osso de Aé.” Dizia, entregando o bem valoroso. Recebia, em retorno, mercadorias diversificadas, como equivalente de suas miçangas.

Uma cunhã viu que outras tinham contas boas-bonitas. Queria a cunhã satisfazer sua vontade de beldade. Frustrada, só tinha recebido uns pedaço véio à toa. Panema-de-Jaguar, o seu esposo não matava a fera, foi outro rapaz que matou Aé, osso-cortou e osso-distribuiu. Para ela ficou só estes pedacinhos imprestáveis. O esposo dela não matava Suçuarana-encantada.

Magoável, a invejante cunhã quis se embelezar de dentes de Aé. Quis ter também adorno bom-bonito, quis ficar catu. A cunhã se chamava Algodão Caapor. O homem, o esposo de Algodão, creio que o cujo nome-verdadeiro se desalembrou os Ka’apor. (Parece que chamavam o esposo dela Turiguara, porque ele morava pelo rio Turi. Ou porque este povo ka’apor se chamava Turiguara mesmo.) A Algodão, frustrada, não tinha ossaria de Aé, como outras mulheres tinham. O esposo de Algodão, abobado, não sabia matar Aé.

Marupiara-de-Aé é aquele que tem parte com pajé. Parece que precisa saber um pouco de conhecimento de pajelança para matar Aé – diz-se que. Só o caçador que é companheiro de pajé é que mata a suçuarana encantada. Quem é leigo, homem à toa, num mata bem, não – os laicos têm panemice-de-puma-encantada.

Panema: era o infortúnio do esposo de Algodão Caapor, protagonista de nossa tragédia. Em uma baixa corrente de sorte na caça, o homem tornava sua esposa frustrada. Embora desinfeliz com ele, todavia decepcionada, Algodão bem-quis o marido, gostava tãoquanto do esposo. Mas exigiu:

– “Quero muito ossama de Aé. Ai ai! Ai ai! Queria ter joias também. Osso de Aé é bonito p’a porra. Meu esposo não sabe, não mata Aé.” Resmungou.

– “Seu marido é um imprestável mesmo! Renega dele! Tira outro, casa com um abá pisasu que seja marupiara.” Secundou a mulherada.

– “Não! Eu quero ele, eu gosto é dele.” Desculpou-se a desinfeliz Algodão, amorável de seu esposo.

A cunhã decidida-se. Foi ter com o esposo:

– “Marido se levanta e vai caçar Aé! e fazer jóia dos osso p’ra mim! Vai suçuarana-matar p’ra mim! Eu miçanga-quero! Com o que me deram só consigo colocar no meu colar

uns ossos de Aés longe um do outro e tenho que completar o que falta com semente preta pariri! Fica só meio verde-azulegado meu colar! Quero um todo azul-esverdeado! Mate um aé para mim! Assim que eu poderei encher meu pescoço de miçanga de osso-suçarana.” Exigiu a esposa invejante.

– “Haaam. “Tá bom.” Disse o esposo de Algodão.

– “Nem me venha dizer ‘Ai que preguiça!’ Se você não matar, te deixo. Olha que eu te largo!” Ameaçou a cunhã. Queria-a que queria a ossada de Puma-encantada: a ponto de futico, de intico! De ciricutico! O amor não pode ser sem adornos...

– “Não, num me larga não. Tu és ingrata, tenha dó de mim!”

– “Então vai.”

– “Eu vou. Aé é bicho danado mas ieu também sô valentão! Mato muita caça: veado-mateiro, taiacu. Eu também vou Aé-flechar, vou matar Aé.” Prometeu o esposo, rogando, descabisbaixo em vão. Acreditando que conseguiria ter joias de Aé – para desmagoar sua querida Algodão. O homem dela se fez de acorajado.

Um dos parentes deste Caapor conseguia miçangas porangas. Entretanto o Turiguara não era onceiro marupiara: o mena de Algodão Caapor era pobre de miçanga bonita pra dá p’ra mulher. E igualmente para vestir. Este esposo de Algodão perguntou p’ro parente:

– “Como é pra pegar Aé, mano?” Botou o pedido.

– “Axi! Pegar osso de Aé é trabalho bom, mas é um pouco arriscoso. Onça é danado! O bichano nem num é brincadeira não. Ixe! carece de coragem também de ter prática.” Secundou o parente.

– “A esposa que quer. Como faz isso?” Esse é o esposo de Algodão que reperguntou.

– “Isso é só para quem sabe caçar bem. Periga consegue, periga morre. o Jaguarê não mata aquele que flecha bem. Suçarana é nojento! Aquele que erra, jaguarê mata. É perigoso p’a porra! É suçarana e seu de-comer também é gente – gosta de comer a gente.” Esse é o mano que advertiu.

O Caapor pediu de volta p’ro parente como é que é o matar de Aé. Porém o mano enfatizou que aquilo não era brinquedo não, há de ser cuidadoso:

– “Toma tento. Onção bicho marvado é capaz de te matar! Gosta muito de beber flor de jupuúba. A gente espera bem. Fica de tocaia lá, num mutá.”

– “Hum. Quando que a gente faz o mutá?” Quis saber o esposo de Algodão.

– “Quando o lua ‘tá brilhador.” Explicou o esperto.

– “Então Aé chega com o vento. A ventania faz zoadá e TÃ! Aé fica ali, o suco da flor comen-comendo. Noite brilhosa do lua. Ele parece como gente e parece como jagaretê, Suçuarana. Você não pode flechar ruim. Se flechar de revesguelho é você que já era. Você tem que flechar na parte mole do quadril, nas ancas do Aé. É por aí que mata Aé-jaguar bem. É na anca que está o lugar da morte de Aé-suçuarana.” Assim o mano marupiara palestrou para mano panema, esposo da exigente Algodão.

– “Hãã. ‘Tá bom. Assim que vou flechar, quando eu for matar. Amanhã que vou. É isso que eu quero ter para mim também. Vou ser eu. Eu estava querendo matar, em vão, pois eu não sabia. Agora eu que vou ser frechador de Aé.” Este é o esposo da Algodão que disse. Querendo jagaretear.

– “É... Vai lá.”

– “Olha por ali. Ali que tem flor de jupuúba. O lua lá vindo. Alimpo alumio de lua. Capaz que mate a onça siçuarana com muita inimizade.” Sugeriu o mano tigreiro.

– “É naquela mesmo que vou fazer meu mutá!” Ripostou o homem da Algodão.

– “Tá, pode ir.”

O Caapor foi oncear. Pegou um maço de flechas e foi lá; foi oncear. Do maço tirou três flechas de ponta de ferro. Afiou bem as flechas taboca-de-ferro. O que não era onceiro marupiara – não era tão bom de preação – foi caçar sozinho. *Nhum!* Procurou uma jupuúba. E achou. O Caapor foi é desastrar-se com Aé. E foi, foi lá ficar de cócoras para esperar – em vão.

Fez na jupuúba o seu mutá, fez ali sua espera, sua tocaia. De tardezinha. Fez um jirau para ficar e cobriu fazendo um quartinho, para ficar tocaiado acororado. Fez tocaia. Entocaiou-se. Tocaiado, acororou-se.

Já era para entardecendo. Então, boca da noite. Daí sendo noite.

Tocaia é paciência. Tocaia é espera. Na espera, carece-se de continuar, de tocaia por algumas horas, a aguçar sua atenção, a ouvir e observar com tento, persistindo em sua tenção.

(Está-se ouvindo os barulhos que a animália vem trazendo no seu caminhar, para se aperceber de quando Aé chegasse. Passadas de ratos do mato ao chão. QÛI! QÛI! QÛI! e XIM! XIM! XIM! de assobios de juparás que estava na jupuúba.)

Saiu o lua do nascente. Enchido o lua: noite clara, o lua luminoso. Necessário que o lua subisse mais. Daí que lua foi assim acima, bim acolá. Quando do lua forte alumiano, bem ali, o vento vem ali miando em suçuarão. Vento ‘tava grande, ventava guaçu. A ventania ronronava: **VVVVVV VVVVVV!**

Vento vento! vento vem! VVV

VV Vento vento! vento vem!

Vento vento!vvv vento vem!

VVVVVVV! vento vem! vvv

Vouvouvouvouvou

vouvou vouvou

HUM HUM HUM HUM

Emitiu o vento, em ronrom. Aé grandão é que veio soprando-vindo vvvventando. Tã! na jupuúba, já sentou no galho. A gente olha para jupará e pensa que ele é macaco-da-noite, que é bicho, mas para Aé Jupará também é gente-encantado:

– “Boa noite, sumano. “Tá boa a ceia?” Aé cumprimentou Jupará, que se sustentava na árvore.

– “O escuro já veio, sumano. E ‘tá boa a merenda, sim.” Secundou Jupará, se deliciando com o doce do puro suco da flor.

– “Não tem gente por aqui, colega? Não apareceu nenhum do nosso inimigo por aqui? Será que não tem Cabeça-Preta esperando pra nos matar?” Perguntou Aé, se referindo se por um acaso aquela jupuúba não era o de-esperar de nenhum caçador.

– “Ni’um. Nem vi inimigo nem um, ninhu’ã gente vi por aqui. De boa, tá limpo. Nosso inimigo não tá esperando, nenhum.” Disse Jupará.

– “Êuã! Égua! Ah! O quê! Então já vou é dar um chupo de suco de flor!” Entusiasmou-se Aé.

– “Vem cá, gente boa, bebeis a mandiocaba, ceëngaua! É doce como o mel!”

Jupará pegou uma cuia pequena, uma cuiazinha desse tamanhozinho. A cuia era pretinha. Espremeu o néctar da flor da jupuúba. Espresme-spremeu. Deixou a cuiazinha topada de mel de jupuúba. Deu o de-beber para o Aé. Deu para o colega. Aé deu um chupo do doce líquido.

– “Toma aqui a cuia!” Entregou-lhe Jupará.

– “Que delícia! Ceë-eté! Obrigado! Docinho! É mandiocaba para mim, é mandiocaba o que eu bebo”, Aé agradeceu. No perceber de Aé, o néctar é mandiocaba. O doce para ele o líquido da flor é mandiocaba para ele, para suçuarana encantada. Aé Suçuarana ainda espremeu mais flores:

– “Não tem por onde, colega!”

– “De onde eu vim, colega! Eu vim de lá de baixo, de profundezas...”

Debaixo do solo, há muito Aé, como somando dedos das duas mãos e dos dois pés. E ainda todos dedos até dos pés de outras pessoas.

– “Mã! Que bom, delíicia! Ah como me sinto bem-bom! Eu, aqui estando, aqui comendo.” O Suçarana ‘tava é gooordo de comer da flor de jupuúba. Deliciou-se.

Então Aé se lembrou da falta, batendo sôdade:

– “Puxa, minha esposa sumiu ontem, sumano! Adonde será que está a mulher? Eu é que não sei, sumano. Minha conje foi ontem chupar mandiocaba também.”

– “Sabe que eu também não sei, colega...” Ripostou Jupará

– “Será que a conja minha encontrou algum inimigo nosso, sô Jupará? Bem, agora eu vou sumir para outra paragem bem ali! Nhum! Nhum!” Indicou Aé.

– “Eré!”

O Suçarão seguiu para outro visgueiro sozinho. Havia copiosas suçaranas pela região. Também muito de jaguar-pinima, onça-preta, Aun, gato-moaracajá, jaguatirica. Bastante de cachorro-vinagre estava arrastando trazendo paca.

Aé VRUUUMMM vem vem vem ventando pousou em outra jupuúba. Outro Jupará estava pelas redondezas assoviando XIM! XIM! XIM!

– “Ei, colega. Será que acaso não tem inimigo próximo, um Cabeça-Preta tocaiando? Não tem nenhum velho por aí?” Em alerta, disse Aé.

– “Nada de caçador velhaco!” Disse o Jupará que não sabia de Caapor: em vão. Na espera nas redondezas ele, o esposo da Algodão Caapor, estava.

Aé ali, Jaguaretê meleiro, estava bebendo outra flor. Escorria muito néctar da jupuúba para o de-beber do Suçarão. Enchia sua pequena cuia. Tava bem topada ele levava até a bocarra e GLU! dava um golezão. Acabou outra flor com néctar-mandiocaba. GLU! GLU! GLU! Aé já estava quase saciado, quase cheio! O peitoral de Aé era morrudo de grande, achatado. Não era mirim, era guaçu.

Entocaiado ali Caapor estava-estava ansioso. Bem debaixo, pertinho do Aé. O Caapor era meio descabeçado, bobo, não muito baquara. Foi afobado na hora de flechar o Jaguaretê-aé! Podia ter vindo mais perto assim! Mas não: flechou vãmente! Mesmo com o aviso do parente, o Caapor não esteve a cobro de si e de sua afobação. Não chegou muito perto, como deveria de ser.

Enfim... TIC! Flechou é meio de longe. Sucedeu que TSÕÕÕ! Errou. A frecha passou de raspão no peitoral de Suçarão. “TÓ-HÓ-HÓ-HÓ-HÓ! Esta madeira me rasgou mal!”. O Aé girou, já esperava que tivesse alguém. Aé suçarana já ficou olhando para ver se achava

de onde tinha vindo a flechada. Caapor frechou de volta no mesmo lugar, no braço. Aé escapou por dois trizes. A frecha pegou na base do braço do Jaguaretê, perto do ombro de Aé.

Aé espaventou-se! “Quem foi que frechou em mim?” Pegou a frecha que o acertou, quebrou-a e jogou-a fora. Com um miado temível de suçarana que era correu até o Caapor, “Agora vou te matar!”. Pulou com pé/pata ligeiro/ligeira, um corpo maneiro, um rompante grosso e roupa/couraça-couronça espessa.

HUM-HUM

HUM-HUM:

HUM-HUM-hum:

correu-pulou-desceu até o Caapor.

– “Por que veio, vãomente, brincar comigo, nhô Caçador? Vou te dar um piso! Por que mecê me frecha? Por que ‘cê me frechou? Vai cair na taca, Cabeça-Preta!” Ronronou Aé, lijero suçarano, num átimo na direção do Acanga-pixuna.

Aé roncou:

– “EU SOU ASSIM DE VERDADE!”

Não foi com sua dentaria braba de carrancuda suçarana (este jaguaretê de pele uma cor só e de dente azul-verde) que rebentou com Cabeça-Preta. Nem foi com rasgo de unhada. Com ponta de unha que rasga carne: não foi. Foi ingapema emplumada. Suçarano-Aé tinha uma ingapema: tacape de bordoar a cabeça da gente. (Isso era coisa que Caapor não fazia, só matava gente de flecha.) A ingapema porradeira era boa-bonita. Esta foi a arma de arregaçar a cabeça de Índio.

Ingapemada. O Aé foi caceteando. Com um rugido abala a abaulada tocaia de palha. Aniquilada tocaia! Co’a tal marretada. Foi um trovejo, uma ingapemada só. Gato encantado co’um rugido abala. Ibirapemada é baita paulada.

Esturrando assim, em seu linjaguar:

A ibirapema ingente
 não erra
 deixa o fero bicho cair
 em golpe horrendo

Cai da árvore, por terra
 O corpo descendo
 em cabriolada ir:
 A Embiara já não vivente.

Feitiçoso suçarão, Aé deu uma sova na tocaia que o Caapor fez. Espedaçou-a: PÉM! PÉM! Aé traspassou a tocaia e PÓÓ! PÁ! Aé já caiu bordoando, RRUU deu pulo de longe de suçuarana lijera e: foi tanto sangue de dar dó! Já deu uma coça, uma bordoadada. Petecou a cabeça preta do Acanga-pixuna. CUÉRA! Migalhou o crânio do Caapor com ingapema mortuária.

A ibirapema emplumada o crâneo abriu: da caixa da cabeça (de cabelagem preta) saiu uma porção de miolo. Após o arregaçamento da cachola do Caapor, alguma porção de miolagens foram se grudar no chão e na ingapema. Entretanto, sobrou bastante carne encefálica para fazer sopa, mingau. Foi matado o Caapor. Cissuarana perigava, perigou aborrascado. Aé já caiu da árvore fazendo cair sua vítima. Foi PUC! derribado ao chão, o ex-marido da Algodão.

Aos miados assobios berros roncros rosnados ronrons guinchos gritos grandes bramidos roncária vozeio bramoso, tresfuriado o suçarana ronrona, rom rom, rompente romrompante, arrogante ronrongante. Aé fez um gesto-guaçu de desdém para sua embiara. Na guturalidade das esturrantes cordas vocais e da áspera língua de onça, Aé emitia então vibrações de temática ácida amargosa e difícilíssima apreensão aos doces ouvidos civilizados:

– Babadalgharaghtakamina

**rronnkonnbronntonneronntuonnthunntrovarrhounawnskawntoohoooor
 denenthurnuk!** – o Suguaçuguaranuçu gritou guaçu ofendendo o cadáver, urrando

assanhado.

E ainda completou de modo mais civil:

AUATUPÄUERAUAAMATYAPUAPUYAPURATÄIUACACURUCAUACAINHARUSAU
 TEAPUPUXARARAXURURUKOTXURUPUXARARAXURUXURURUKOXTÿRÿR
 HEBIARURUBIARURUBIARURUSÍLUIŚLUKWEREWŦĀNJANAM!TAMTAMATIVAHIBAHIBAHIBAHIZIDJEIZADJE

Em cima da Embiara, o Sussarana-gente Aé. Aé Soberbio a embiara Morta oprime. Alguns diriam ver sua cauda se retorcendo em mil voltas. Mas num nem tinha ninguém vendo para nos contar. Entretanto era sua fronte que retorcia em caretas.

O Matador, levantado ao lado da presa, co'pé batendo o chão. A quem mesmo depois de morto, subjuga, com se a morte soltasse um duplo passível de morte. A morte é sempre dupla – não é apenas o corpo que morre, mas o Espírito pode ser morto. À memória se vinga.

Toma imprudência. Aé tinha nos olho a febre matadêra quando poetou o que talvez ouvíssemos como vibrações de difícil apreensão:

*Aqui está a ingapema emplumada
para quebrar-te a cabeça, Acanga-Pixuna.*

Comerei os seus miolos.

Sou o Aé, a suçarana.

Sou jaguaretê canibal!

Quem és tu, perto de mim, Acanga-Pixuna?

Sou Cãuinhuara,

bêbedo de cauim

Meu inimigo é gente.

É manjar meu.

Sou abaetêguara;

Abaporu!

Sou Jaguapitanguçu, antropófago

esfaimado, encarniçado,

agressor, carniceiro matador.

Que decepa,

esfolia

& alimpa, moqueia

Chamamos moquém as carnes, que se colocam ao jirau,

E a fogo lento sepultadas assam

Encarniçado, comer-te-ei em carne, meu assado!

Suçarana assassina, assanhada

renhida sanguinária

O que és tu, perto de mim, Acanga-Pixuna?

*Tua sorte é meu moquéim,
 é estômago de cuguardo.
 Teu cabelo-preto
 é futura bosta de onça.
 Sou assim, Cabeça-Preta = churrasco de gente!
 Mais duro que você! Melhor que você!
 Mais homem que você, embiara!
 Ó, meu inimigo,
 premeio-te
 com o cacete!*

Hipotréllico, o suçua-varão vociferou, jagueriçou e raivejou.

Estes foram os versos brasílicos de orgulhonça – áspera língua de jaguar. Com uma rudeza quase primitiva, abusando de machas palavras. Odiento, Aé braceava em feio gesticuleio de suçuarana bicho-Homem – empunhando a ingapema emplumada em uma mão, dava fortes batidas em suas coxas, a modo de dispersar seu ódio.

Aé-Suçuarana, que seria a futura embiara do Caapor, é que fez homem-humano de atual presa de Suçuarana-homem.

O Jaguaruçu quebrou tudo as flechas que estavam no chão, pém-pém! O Jaguaretê chupador de néctar então levantou o Acanga-Pixuna (como que diz Cabeça-Preta), para sua merenda de carne humana. O falecido ex-homem de Algodão agora era um pedaço de carne, era do Aé o de-comer. Suçuaranuçu Caapor-levantou-levou. O Caapor, futuro churrasco, levou para comer. Diz-se que foi assim. Assim que ouvi dizer.

Aé juntou folhas secas, apagando boa parte dos rastos que levavam até o outro lado da jupuúba, onde se encontrava um ibiquara – um buraquito no chão. Por lá desceria levando sua caça. Exclamou:

– “Abre-te, a minha porta, que já vou entrando! Um Cabeça-Preta dos Guaçu eu matei.” Passagem permitida. Com o Caapor, sua embiara, foi caindo pelo buraco. Até o fundo do buraco desceram. Sangue de gente esfregou pela borda do buraco. Respingou a prova do assassinato.

Ao chegar em sua taba, antes de ir para sua oca, os concidadãos logo se amontoaram em volta do caçador. São muitos os do povo dos Aés, gentio Jaguaretê, assim de muitos = tantos da quantidade de dedos das mãos mais todos os dedos do pés. E ainda talvez mais mãos e pés de outras pessoas para contar. Pelo menos para indicar que é muito. Essa somatorionça de homens, digo machos, daí ainda multiplique por dois pois todos têm as fêmeas, as esposas-onças, o que dobra o montante de brutamontes.

Vãmente, este gentio Onça tinha moqueado muita caça. Mas estavam com vontade mesmo de comer era carne de gente. Esta carne que desejaram. Era carne humana que queriam de verdade.

– “Ueba! Bora comer!” Disseram. E já foram chegando se amontoando as cunhãs, os homens e a curuminzada.

Aquele pedaço de gente é que era gostosura para o gentio-onça. Ali estava o Capitão da taba. Decidiu organizar o processo:

– “Eu vou moquear. De manhã cedo, nós comeremos. Vai ter paçoca de carne Acanga-Pixuna.”



E na casa do lar os parentes ficam todos longe de saber. O que foi que aconteceu, ainda ali ninguém percebeu. Sentiram falta do homem que foi caçar miçanga-onça. Esperaram. Durante a noite, esperaram. Outra manhã veio, quando reluziu o dia, o Caapor não tinha voltado, ainda. A esposa esperou até o sol estar no pino. TÓ! A esposa preocupada:

– “Onde que tá o marido?”. Botou a questão.

A esposa direto ao mano do marido, cunhado da Algodão, veio: devido a que se preocupou da ausência. O ex-esposo Algodão era irmanado: tinha muita irmandade, afamilhado duma vez. O irmão se preocupou de igual, quando a esposa chegou até o cunhado, perguntando pelo marido. Não sabendo:

– “O marido não voltou, vão ver, cunhado!” Essa é a mulher exigindo da irmandade do esposo.

– “Onde será que tá o mano? Será que caiu? Homem é cousa que treme, talvez tenha caído de medo. Seu fígado pode ter tremido.” Especularam os irmãos (logo, cunhados).

Os manos foram olhar. Lá estava o mutá do mano: ninguém a em cima, apenas o arco do mano. Olharam para baixo. Flechas quebradas. As frechas-cuéra: estavam upempém, no chão. O chão: batido pela queda da presa com o Aé. Baque morrinhento. No local em que o finado Caapor caiu – sangue. Não viram nenhum indício do carregamento do corpo.

– “Só não sei como é que sumiu. Como será?!” Pois ainda num sabiam adonde da morada de Aé. Por onde Aé levantara e carregara o finado mano? Qual era a misterionça do desaparecimento do defunto?

A cunhã Algodão chorava, adolorada de ouvir a notícia. Choro-chorou. Chorou muito, pelo finado esposo. Chorando, pranteou. Dele tendo saudades: irreparáveis. Os irmãos ralharam a viúva, raivejaram, por censuração:

– “Foi você que matou seu esposo, por tabela! Ê, cunhada! Foi culpa tua que o mano morreu! Finou-se! Você que disse para ele – ‘VÁ PARA PEGAR OSSO DE AÉ!’ esta foi sua fala p’ro mano, seu esposo, sim-sim, senhora Algodão! Por isso nosso mano morreu. Sua vontade que findou o finado mano, dona Algodão Caapor!! Caiu, quem sabe jaguar comeu.”

A galera munguitou em mutirão:

– “Vai ali falar com pajé! Pajé está ali!” Pois então, parente pediu para pajé pajelar. Foi na direção do pajé, para pajé munguitar, aconselhar, para descobrir onde estava o desgraçado Caapor. Na vareda da dúvida quem seria tapejara é afilhado de pajé. Espírito-familiar e auxiliar. Tupiuara foi tapejar para a toca da misterionça.

Neste tempo, de índio antigo, era pajé-eté que havia. Pajé mesmo, de verdade. Num era como os de hoje, que são pajés velho à toa, pouco pajé, pajé-rana. Pajé não fica no meio das outras casas, a tocaia dele fica sozinha.

O pajé era tratado por meninas pequenas, que não tinham peito. Eram estas que faziam comida para pajé. Quando começavam a crescer, crescendo um peitinhozino, o mamilito despontando entumescendo, elas eram mandadas embora. Já estavam imprestáveis pra pajé. Traz outras pra servir de empregada de pajé-eté! Menininha sem peito é que faz comida bem pra pajé. Pajé, de primeiro, em dita época aborígene, comia só camarão e sabiá – comia cricrió também. Outra caça, pajé não comia, se não ele perdia sua força-pajé. Assim que era pajé dos antigos, pajé de verdade, dos dias aborígenes. Assim que contam, assim que me contaram. Diz-se-que assim era pajé-guaçu!

A casa do pajé estava longe da taba, pegando a vareda em direção do poente. O cunhado de Algodão foi falar com as crianças que são criadas do pajé. Algodão foi ver a pajelança junto.

O pajé estava lá, as menininhas servas miauçubas estavam lá.

– “Bom dia, já ‘tá manhã, vim aqui ver pajé.”

– “‘Tá bom. É assim.” O ajudante de pajé ripostou.

– “Foi ontem que meu irmão estava esperando na fruteira de AÉ. Na flor do faveiro, da jupuúba. Até agora, o mano não voltou, não chegou. Por causa disso que eu vim, para saber, por isso que vim até você. Vim para saber.”

O menino avisou o pajé que disse:

– “Espere um pouco aí. Eu saberei. Vou consultar meus afilhados. Vou consultar meus tupiuaras, meus peões, meus camaradas, meus sondados, meus polícias vou chamar meus auxiliares encantados. Já vou pegar fumo aqui para fazer petima enrolado, num

cigarrão. Com este charuto vou puxar fumaça e saber. Acocorem-se aí e não falem nada.” Assim que o pajé secundou.

O tabaco enrolou num tauari grande assim: do tamanho do antebraço. Após amarrar a casca da estopeira, o pajé mandou uma das meninas – “Toca brasa no fumo p’ra mim!” Através das fagulhas da brasa do tabaco é que pajé observa os tupiuaras. Cigarrão é como lanterna de tupiuaras, que serve de pajé-alumiar e focar em pajé. Fumo-fumou o porronca. Os donos dos cantos, os tupiuaras, entram no pajé pelo charutão. (O cigarro do pajé é túnel de tupiuaras.) A fumaça passava pelo seu nariz. Como cheira bom o fumo! BUK! BUK! Puxou a fumaça de fumo. Soprava e as fagulhas do cigarro avivavam e pulavam POR! POR! caindo no chão.

Passou um tempozinho. Tupiuaras ainda nem num falaram um isto! Não falaram, nonada, nadica, ainda.

Pajé petume pitou. Petima pitan-pitando bastante. Cantava com seu antebraço encontado na cabeça. E pitava. Então o pajé PUC! Pajé sorveu tanto petima que desmaiou. Caiu no chão. Foi para o céu. Pajé foi para a base da terra, onde o mundo termina. Foi para a terra dos encantados. Lá apareceram os tupiuaras para ele; os tupiuaras canta-cantavam. (Assim pajé conversa com tupiuaras – cantando encantando.)

Os iriuaras, aqueles que ficam pela água, vieram ter com o pajé. Veio cobra-preta e cobra-vermelha. Eram do grupo da Sicuri, dona dos peixes, veio. Vieram conversar com pajé. Mas não sabiam de nada, só os que ficam pelo alto é que viram o que aconteceu.

Avoaram ao pajé, os tupiguaras. Aveio: as aves avieram. Avearam gaviões falcões águias. Apareceram falan-falando: esta gente do alto chegou. Os que avoam pelo alto avieram: uiruetê japucanim águia-real uraçu gavião-tesoura tapena gavião-caçador gavião-bidentado acauã gavião-real taguató gavião-cinza harpia, toda gaviãozada foi palestrando com pajé.

Desceu deste pessoal, das aves, araponga e andorinha igualmente do alto. Diz-se que disse “que dó!” e andorinha que contou do acontecido. Andorinha que soube:

Êêê, êê ã

Ixé guirá

Êêê, êê ã

Petecaçara acanga-pixuna jucá.

Êêê, êê ã

Ijucapira acanga-pixuna. Pituna ramé Nhenhém

Êêê, éé.

Ibi cotucou. Ibi guirarupi tecoaba.

Êêê, êê ã

A gente leiga não entende fala de tupiuara, encantado só nhénhénhém p'ra pajé. P'ra isto é que pajé canta e fuma. O canto do pajé é encanto. Gente quarqué é que não entende fala de tupiuara. Só pajé mesmo que entende, que consegue conversar com a gente Gavião. Pajé é tradutor de tupiuara.

O que pajé viu foi mais ou menos o seguinte. Dizem-se que o pajé ouviu-viu Andorinha no canto de pajé. A Andorinha apareceu e SUK! desceu e pousou em cima de uma casa. De lá perguntou:

– “O que tá acontecendo por aqui?” A Andorinha-tupiguara Botou a questão

– “Nosso parente, nosso concidadão ‘tá desaparecido. Foi esperar na jupuúba e desapareceu. O arco dele ‘tava lá no alto; a flecha dele quebrada no chão. Um pouco de sangue no chão. Sumiu. Ó, tupiguara, tupiguara me fala, conta-me deste acontecer com nosso aldeão! Me arresponda, meu afilhado.”

– “O parente dos senhores num está desaparecido, não. Aé que o matou. Onça suçarana prisunha que traulitou o cabeção-preto do cabeçudo Caapor. Foi o Velho que matou, o Avô que matou. Aé que matou... Jaguar peteceu Cabeça-preta. Caapor estava esperando de pé no mutá. “Tava é esperando em vão. Foi afobado na flechada, deu uma flechação precoce. Flechou em vão e errou: TSÕ! só foi no braço do Jaguaruçu. Aé levou pra comer. Mundo de Aé é submundo, subterrâneo. Levou prá lá a derriba.” Explica Andorinha Tupiguara, afilhada de pajé.

Assim que é, assim que foi a palestra de Andorinha, a fala de tupiuara para pajé.

– “E agora? Que fazer? O mano dele já ‘tá com muita saudade.”

Andorinha explicou que poderiam ir até o submundo dos Jaguares, para dar o troco no Aé... Se era desforra, retaliação, que queria dar em represália para compensar desagravo que a família Caapor teve.

Pajé foi explicar aos que estavam na pajelança.

– “É, foi Aé mesmo que matou o finado Caapor, ijucapira assim, matou porque Caapor frechou errado. Levou taca de Onça aé; baculejo de Suguaçuguarão!” Pajé passou mensagem da fala de Tupiuara para o cunhado de Algodão, que se desesperou:

– “PUXA! TÓ! MÃ! NOSSA! ‘Tô é doído, ‘tédoído! Estou é com raiva! Dó-dói. Que dó, me dói! Não sei por que ele fez assim!? Como é... O finado mano poderia ter olhado bem!

Eu avisei! Não deveria, não podia, não deveria ter mexido mesmo com Jaguaruçu-Aé! Or irmão não devia de. Não sabe, não sabia como matar Aé. Nem num tinha conhecimento de prear Suçuarão. Meu inimigo é Suçuarana.” A saudade atacando-o, raivejou o mano do finado.

A turma veio ter com o irmão do finado Caapor:

– “Como que o pajé palestrou para você?”

– “Foi Aé que matou-levou, mesmo. Foi errado que o mano Aé-frechou, acertando no braço.” Informou-lhes.

– “Quand’onde? Como será? Onde será?” Perguntaram ao parente do preado.

– “Ali ó-ó ali foi, ali está. Bim ali, bem aí! Para ali que o mano disse que esperaria Aé.”

– “Bora ver também!” e foram.

Já não souberam mais e o pajé falou:

– “Foi Aé-jaguetê que fez assim. Levou para debaixo da terra, lá é um mundo de Jaguetê. E nós é que vamos fazer assim: vamos percorrer por cima do outeiro. Para o morro é que o Aé levou o Caapor. Talvez tenha mesmo gente-levado é para a colina. É lá que tem a porta de Aé. A porta de Aé é pequena, miudinha. Parece entrada de formigueiro ou de uma abelhinha pequena amarela. Por ali que o Aé Caapor-levou. Esta entrada que parece pequena que se abre para Aé-Suçuarana e que ele desce para sua aldeia.”

– “Haaam.” A caaporada ouvia.

– “Quando Puma encantada chega, a porta do mundo se abre para Aé, que desce para o mundo inferior. Levou, sumiu. Por ali é que olharemos. A taba de Aé fica de baixo do solo.” Assim que lhes disse pajé. Os tupiuaras esclareceram o motivo de ninguém num ter visto rastros. Porque Aé já meteu irmão pelo buraco. Indo parar na aldeia dos Jaguares.

E tinha sangue. Muitas formigas piquitinhas estavam remexendo o sangue. Ali que acharam o sangue.

– “E agora?” Perguntaram.

– “Agora é pirocar cipó! Cipó-mirim, um cipozinho. Piro-piroca, deixa cipó bem descascado e mete! Usem um cipó-pucu, um dos cumpridos. É para o cipó chegar até no fundo. No fundo vai ter outro chão. Outra terra, terra de Onça. Fiquem cavando, até fazer voçoroca. Cavan-cavando devagar fiquem aí. Façam flechas também, muitas frechas de ponta de ferro.” Assim que o pajé nheengou. E o pajé atou a rede dele nuns paus ali e deitou-se.

O pessoal foi levando o cipó pirocado, foi cavando o buraco. Era um cipó fininho. Foram enfiando, enfian-fiando o cipó. Meteram mais. Foi ficando um pouco mais largo, e

de raso foi aprofundando. Pajé estava na rede, sentado e observando. O buraco foi indo que nem buraco de tatu... Ou melhor, toca de paca, que começa estreito depois fica largo.

Foram aprofundando o buraco no terceiro dia. Outra dormida, no terceiro-quarto dia, abriram numa boçoroca que fizeram. Toparam com um quara-guaçu, buracão monstrome donho. Jaguara-quara. Cavaram bem fundo, até que o cipó TUC! bateu num chão. Varou no mundo da aldeia de Onça – Jaguaretama.

– “Frevei água.” Alertou o pajé: “Coloquem um painelão de água aqui, outro aculá, outro do outro lado, mais outro porali. Com água frevendo vamos cegar cozinhar embranquecer os olhos de Jaguapitanguçu.” Cercaram a buraqueira com caldeirões, esta serviria de meio de matar Suçuarana cozida.

Pegaram umas folhas de curauá. Desfiaram as fibras brancas e foram enrolando assim, na perna. Enrolando para virar fio, e depois virar uma corda. Curauá é fibra resistente.

Alguns desceram pela buraqueira, com este elevador de corda de curauá. Caíram num caminho grande, era estrada mesmo. Um outro mundo por debaixo da terra.

– “Ilhhh! ‘Tá aqui!” Vários caapores desceram, curiosos foram bisbilhotando-olhando era uma vereda grande.

– “Eu virei por aqui amanhã! Com uma cordama vou descer!”, assim disse o parente do caapor finado.

– “Olha bem, toma cuidado.”

– “Não pode ser assim, medroso, desse jeito não agimos. Tem que ter fígado grande, fígado duro – para ser corajoso! Ser forte.” E continuou: “Eles são é cousa ruim! Agora eles estão como animais, mas são também estando como gente. O que matou seu irmão vai estar deitado com um acangatara na cabeça. Sua ibirapema estará por perto, logo abaixo de sua rede ou em seus braços. Agora está moqueando bastante teu mano. Presta atenção! Toma tento! Olha bem! Nós não sairemos daqui agora. Que a força dos tupiuaras esteja com você.”

– “É vou por ali.” Corajou-se o parente.

– “Vai e não morre.”

Jaguaretama era mesmo debaixo da terra, aldeia de onça era no subsolo. Foi para lá que Aé caapor-levou para caapor-comer.

– “Quando o sol estiver ali ó.” Apontou, com beiços e braço, o pajé num gesto para o nascente, um pouco para cima. (Hoje os caraíbas dizem 9:00 também, todavia Caapor não sabiam de máquina-relógio à época) “quando estiver ali o sol, os Jaguares vão estar caçando. A onçaiaida vai tá pro mato. Essa é hora boa”

Acartado leitor, disseram-me-que-diz-se-que foi assim.

A tarde já ia. Lá o gentio do finado seria de pernoitar. E arrumar os finais preparos da expedição. Madrugaram, pernoitaram. A claridade do dia chegou vindo. De manhã, os jagaretês estão onceando, indo caçar, o cunhado de Algodão teria que se aproveitar desta hora.

Na taba de Aé, havia muitas castas de jagaretês, de diversas feições, que tem as mesmas manhas e ferocidade, mas mui diferentes na grandura e em suas qualidades. Jaguapitanga (ou suçuarana) é da ligeira e inteligente. Jaguaracanguçu, tem cabeça grande muito maiores que as pinimas comuns. Acanguçu-pixuna é onça bruta, retinta, a mais forte. A Marajoíra é menor que as pinimas comuns, com rosetas meio marronzadas. Maracajá-Guaçu é bicho esperto e rasgador de caças menores. Jaguatirica era guerreiro maneirinho. Gato-Mourisco é ágil e raivoso. Jaguarundi gosta de morder perna de gente.

De manhã os Jaguaruçus estariam caçando, para voltarem quando o Sol estivesse no zênite. Quando da caçada, na aldeia restariam só poucas mulheres, talvez poucos curumins oncinhos engatinhando e velharada caducando. Velharada é assim: os velhos que não conseguem mais sair para caçar.

As outras onças aldeãs tinham ido oncear no mundão, em Jaguaretama. [Os netos da desejosa Algodão Caapor não me prosearam qual eram as graças das onças. Entretanto podemos desplagiar, para dar um tom de gente à alimária: Mopoca acanguçu fêmea Andadora onça grossa onça boa mãe, foi caçar com seu jagaraím; Maramonhangara, guerreiro briguento foi atrás de embiara; Porreteira malha-larga; jagaretê-pixuna Tatacica; Rapa-rapa, pinima ladina; Mpú e Nhã'ã por diferentes varedas; Tibitaba, canguçu das braba mesmo; Coema-piranga, suçuarana vermelha; mesmo Putuca e Puxûera, onças meio velhas, foram; a mariavilhosa belezonça Maria-Maria de igual, foi; o retinto esturrador jagaretê-pixuna Suú-suú; a onça Mopoca; Apiponga pinima narigudo, foi; o mestiço Tonho Tigre, foi; Mar'lara e o Tio iauareté, também; os irmãos Uitauêra e Uatauêra. Jaguara-çoó-rupiara! Temidos de ferocidade e crueldade. Homens e mulheres: Jaguareté-apigaba, jagaretê-cunhã]. Tudo este pessoal jaguar estava no mato, indo pegar caça.

De igual, ali na taba onceoso estaria o matador do esposo Caapor – no quarto de resguardo. De manhã alguns seguiram no caminho até as proximidades de uma roça feita por Jaguaretê.

O mano do finado Caapor foi. Desceu levado pela corda de curauá e TSUC! Apeiou. Chegou debaixo de uma capoeira. Ouvia ao longe o flauteado PO-EM! PO-EM-É! PO-EM. Um flauteado de quem estaria feliz consigo. Acaso seria uma flauta de pequena taquara?

O Caapor turiguara estava em outras paragens – debaixo da terra era outra terra que parecia este daqui. E o mundo era enorme. O mundo tinha sertões florestosos, taperas roças casas. Havia um lindo igarapé no mundo-Jaguaretama, limpo no fundo, sem sujeira, igarapé Jaguaribe de água boa, águas de onças. Aquela terra era lugarosa. Seguiu por uma vereda, passou por mata alta, tapera e capoeira.

No prosseguir, viu o brilho que iluminava uma clareira, bim ali na frente, pela vareda que seguia. Sinal de que quase se aproximava de uma roça. Tava perto da casa do Avô Acutia. O Velho Acutia viu e se perguntou:

– “Quem é que chegou por aqui? Vá lá chamar, minha filha, Acotiinha.”

A filha do Acutia, foi ter com o Caapor:

– “Meu pai quer falar com você!” Disse a cunhatã Acotia.

O velho:

– “O Velho matou gente, sô. Matou o irmão do senhor. Meu senhor, a gente, os Acutias, nós num comemo’ carne de gente, não. Num comemos a gente não! Nós, gentios cutias.” O velho Cotia enxeriu.

– “É, seu Acutia, era meu mano... Eu vim para resolver isto.” O Caapor revoltou a conversa.

– “Vá lá e mata o Velho Aé! Eles vão chegar, os Jaguaretês, os velhos Onças vão chegar. É já que a galera vem vindo, já-já a jagualera vai chegar. Tome tento, sô home, sem demoragens. Num pode não ser breve a demoraçã do seô lá.” Disse o velho Acutia, se referindo ao Aé como “Velho”.

Continuou, o mano. Chegando não muito secreto nos entornos da taba dos Jaguares-verdadeiros. Ali existia roça que os Jaguares botaram, cupixaba de onça. Era graaande o manival, a manituba deles.

Foi topar com uma velha Jaguaretê, que estava numa casa de forno nos arredores. A velha Onça estava arranhando farinha no torrador. Estava secando farinha para comer com carne. Tinha um pedaço de barrigada de gente lá – do finado esposo de Algodão; a velha beliscava a pele da barriga e ia comendo aos poucos. Doeu a vista do mano, aquilo era mui triste de se ver – o mano não gostou nada disso. Recém-quando chegou o estrangeiro, a Senhora-jaguar se espaventou:

– “TÓ! TÓ-HÓ-HÓ! O que é isto? Eia! Um forasteiro-guaçu chegou de a pé!” Assustou-se a jaguaretê-velhaca.

– “Não, Dona Jaguarã. só estou olhando à toa aqui. Vim para visitar.”

– “Hã! Na hora! O senhor deu sorte!” Animo-se o Animal velha.

– “É me’mo?!”

– “Siô Gente: pois o Sr. chega em feita ocasião! Um çenhor suçuarana, onçenhor Aé acabou de acabar com a raça de um Cabeça-Preta. Foi ontem. Carne de gente é saborosa. Acanga-Pixuna já ‘tá carneado à modo de nós comer. Agora o assassino está deitado na rede.”

– “É, pois, Dona Onça. Hã! Este matador mesmo que eu vim visitar.” Disse o mano.

– “MÃ! PUQUI! Puxa, que bom! Que legal qu’ossenhor veio. Mã!”

– “É, Nhá Jaguaretéia, ontem mesmo eu comi ali, de pé, a carne de Cabeça-Preta.”

Mentiu o mano do falecido para a Velha Onça.

– “É a pele dos quadris eu comi e que estou merendendo agora, tá delicioso mesmo.” A coroca dizia e ia beliscando a carne de Caapor, deliciando-se. Era doído de ver aquilo para o mano. – “Mais tarde vai ter mingau de cabeça preta de Caapor para a gente merendar. Vamo quebrar o crânio e cozinhar bem o cérebro para comermos bem.” Assim proseou a Velha.

– “Hã! Pois. Que bom que vai ser assim, Nhá Vó Onça.”

– “Assim que vou comer esta delícia de mingau de cabeça de Caapor amanhã, sinhô Estrangeiro.”

– “É, mais tarde vamos comer!” Disse o mano Caapor, munhamunhando.

– “Verdade.”

– “E onde que está o Aé?” Perguntou o cunhado de Algodão

– “EI EI EI! Aé ‘tá de resguardo, deitado, sô Humano. Não vá lá ver ele não. Aé só vai se apresentar quando a gente for beber cachaçada de caju, cauinar.” Disse a velha.

– “Mas eu vim aqui para ver ele; vou olhar Aé, sim.”

– “O sô Gente é quem sabe.”

Taba de Jaguaretê populosa. Aldeia de onça tem muita habitação assentamento casa casebre rancho choupana choça oca maloca toca tocaia cabana palhoça barraco ramada beira-o-chão *te’yîupara*, *teîupara*, *tejupá*, *tijupá*, *xipa*. Era demais de gente no rancho de Onça. Após as roças, no caminho pelo qual se chegava na aldeia, estava a tocaia de Aé. Matador de gente Cabeça-Preta entocado num quarto, seu *tijupá*.

Caapor foi achegando até à choça que Aé estava tocaiado. O homem estava ouvindo algo. Escutou um flauteado solene: PO-EM-É POOOO-EM! Era o flauteado solene de osso de foboca. É uma flautinha pequenina esta flauta de tuxaua. Aé estava deitado na rede, em um quarto fechado. Suçuarana canibal comeu, já tinha mucunado pedaço de Caapor-assado. Estava de resguardo.

Quando mata gente tem que ficar tocaiado – deitado, separado num quarto. Não sai para tomar banho, ali freve uma água e toma banho de água morna. Faz um buraco para enterrar a merda também, para não fazer lá fora. Fica tomando mingau de farinha. Não toma jacuba – num toma não esse chibé, pois a água de tiquara não é morna.

Depois, fazem cauim. Deixam caju em camucins para ficarem amargos. Provadores desta cachaça de acaju, toda a jaguarada fica bêbeda festejante, bebos de biricutico – tremulenta doidante. Quando bebem cauim é que matador sai, segurando seu maço de flechas. Olha para a direção do nascente. Eis que chegam algum para riscarem a perna – escarificar e tirar o sangue do inimigo gritando: “HOHOHO Matasse alguém similar a ti!”. Sangue do inimigo é dorido, dolorido e razão de doença – amarela o matador e o mata. O sangue de inimigo é doentio para assassino. Essa era Cultura da tribo canibal de Aé.

A pessoa assassina cissuarana de Aé, estava deitado, de boa. O mano do finado veio ter com Aé (“É o velho desgraçado!” Pensou consigo.). Aé estava de boa, despreocupado. Aé estava flauteando com um osso de suaçu do tipo veado-foboca – HO-EM-HOHÉ-HO-HUM. A flauta dele era de osso de foboca. Aé assoprava o osso. Seu pensar não estava em nenhum problema:

- “Onçenhor está aí, debaixo de sua morada?”
- “HÕ-HÕHÕHÕ! HÕ!” Aé se assustou quando Caapor chegou.
- “Como é que canta, como é que faz quando se mata Cabeça-Preta?” Perguntou o mano para o Aé matador. (O cunhado da Algodão já espertava: “Vou matar Aé!”)
- “EIA! Que o siôr veio fazer aqui? Por que é que seu Forasteiro veio aqui?”
- ““Tou perdido.” Secundou o forasteiro.
- “Hã.” Disse o Aé, o suguaçarão, saindo do quarto de reclusão

Na porta do quarto de reclusão do Siçuarana, havia um maço de flechas. Muitas mas muitas flecha, muita flechas mesmo. Mã mã mã de flechas. O rapaz se aproximou do maço. Aé-Jaguapitanguçu foi até lá, quis pegar as frechas.

- “Da donde que vossa inçulência vem, Seu Visita? Donde mesmo que o senhor Forasteiro é, donde?” Aé-suçarana botou a questão.
- “Vim de por ali... ‘Vim à-toa.” Mentiu o Caapor.
- “O senhor moço veio assim, sem nada. Nu com a mão no bolso? Com as mãos abanando, não trazendo nada além delas? Você não trouxe nada, num tem quiçé, nem flechas?” Questionou o Jaguapitanga.
- “Pois é, vim à-toinha mesmo.”

O Jaguapitanguçu tinha colocado folha de algodoeiro no peito, por onde a flecha tinha cortado sua carne. (O Caapor olhou botou em si uma reflexão: “Aé é como gente – Aé come a gente... Foi este miserável! Foi este miséria que matou meu mano. Agora eu que vou acabar com o desgraça!” Raciocinou o seguinte com sigo próprio: Esse era um homem. Era homem humano: o Aé, macha siçuguarana era gente.)

Aquilo que era Caapor já ‘tava no alto do jirau, moquean-queando. O Suçuarana assassino se preocupou em gira-girar a cabeça de sua presa para moquear bem de todos os lados. A cabeça dele estava presa e escorria gordura. ‘Tava gorduroso gostoso saboroso escorrendo banha de Caapor dependurada defumada. Moqueando gordurento.

Isso que ia ser mingau de cabeça de gente num caldeirão, mingau de miolos de Cabeça-Preta. A igaçaba fumegante abrigaria derretido em mingau o que há de mais saboroso no mundo: um cérebro humano.

O mano reparou na gordura escorrendo. Aquilo era dorido de ver. Continuou-se a conversação com muita rancordialidade:

– “Onçenhor que mal lhe pergunte, nhô Aé: do que é a banha que está pingando? Este negócio moqueando no jirau?” O Caapor jogou a indagação.

– “Sabe, senhor, deve ter visto a velha comendo o coro... Sabe o sinhô que tal gordura era de um inimigo que não foi cordo – um gordo espécime de Cabeça-Preta goro – carente de cordura. Agora, sumano, defuma em meu moquém. Um pedaço da avistada comida. Sô Humano: saiba o senhor que ontem eu estava bebendo mandiocaba da flor de jupuúba e este desgraça, este Acanga-pixuna, me frechou no peito e no braço. Mas veja o senhor que a minha sorte é que pegou de raspão, por dois trizes, só cortando. Matei o Acanga-pixuna e trouxe de de-comer para a gente, gentio Jaguaretê. Este foi o acontecido, sumano Forasteiro.” Disse o gente jaguapitanga Aé.

O Jaguapitanguçu olhou melhor para Caapor e reparou, acrescentou em adendo, em expressa rancordura:

– “Eia! HUM. Rapaz! Bem que o senhor, Sumano Visita, tem uma aparecência com minha presa. De que talvez mecê-parecença *seje* de parenteza com a embiara meu, com essa comida minha, sumano Humano. Num é por mal, não, Visita: acaso não é de sua parentela? O mano do senhor, vossa irmandade?” Sugeriu Aé.

– “Não-não, que nada! Negativo! Jamais-nunca. Nem não, nem num é não! Não, sinhô...” Dessugeriu o Caapor.

– “Acaso não vindes por malquerença?” Desconfiou o Jaguapitanga da sonsice do Caapor. Aé já estava acorocado, já querendo se preparar para saltar no Cabeça preta que

ali chegara. (Aé já ‘tava entrepensando: “Já-já vou matar outro Acanga-Pixuna! Já vou sangrar e carnear mais um Cabeça-Preta!”)

– “Senhor-não” começou o Caapor, hesitante, tentando ser acautelado: “Onçenhor: não. Num é, não. Nunca seria! mecê deve estar confundindo a parecença. Ele meu parente não!” Mentiu o mano, munhamunhando. (O fígado do mano do finado tremulava. O fígado do Caapor chacoalhava. No fígado palpitante figurava: “É de raça Humana: o Animal. O bando de onça era gente homem, da gente matadores – assassinos sendo.”)

– “O senhor que mal pergunte acaso não quer vingança, Seu Perdido? Com inimizade de tabajara? Antipatia? Ódio vindicativo? Parece muito com o Acanga-pixuna que eu matei. Xô índio gente, Diria que são manos... Este nossa refeição – este manjar que estamos manducando – dá parecença com um irmandade, um mano do senhor, sumano Humano.” Persistiu Aé.

– “Isto, meu seô Jaguarê, não faz de ter razão, nem adianta. Aqui estou dextraviado. Só estou aqui chegado à toa. Soube ‘inda agora, agorinha mesmo, do vosso churrasquiar de Acanga-Pixuna. Só vim aqui à toa, perdido. Sem raivas de vingança. Onçenhor não me leve a mal, Nhô Aé Suçubarão. Estava perdido, entretanto agora vim ver monçenhor, vosmicê. Vim aqui ver como é a Cultura dos senhores, Jaguares subterrâneos, o que mecês, onçelências, fazem. Como que é o artesanato de mecês.” Logrou o mano, sentimentoso, para fingir que fazia etnografia e não vingança.

– “Hã.” Aé-matador, Suçubarão informante desacreditou. (A ideação permaneceu firme mexendo com o fígado de Aé: “Será que o rapaz é irmão de minha embiara: a aparecência é demais.”)

Negou que renegou – o Caapor. Nem nada não acreditou muito! – o Aé. Encontro sobrefalseado, sem razão de comum. Assim chegou Caapor. Verdade por mentira: o Assassino nem não acreditou. (“Bah! Quá! Ála! Vôte! Esta conversa de antropólogo! A mim ninguém nem num m’enrola não.”).

Mas o mió que era sua boniteza: a arte du’ã besta fera naquela plumaria de seres guirás – matéria aviforme. Todavia, o Caapor. Gostou do verdadeiro em falso! Tãomente legítimo falseio. Melhor-pior!

Diz-se-que-me-disseram – dotô leitor, escuta bem; mas, qu’era dissimulado por verdade. De não veríssimo, mas sim, entretanto, tanto não sendo, mas sendo – meio falso. Verdade com mentira. Se num fosse mentira, nem num teria tido veracidade, pois. Verdadeiro com mentira, certo posto que falseio.

Inverdade, pois, Caapor queria vingança – entremeio desmentira, pois boas-bonitas eram as inventações do gentio dos Jaguaretês. Ao motivo disto que o Caapor transmentiu para Aé, dizendo querer saber do modo de vida da tribo dos Veros-Jaguares, seus costumes.

Coisas que a tribo do Caapor não sabia artesanar, munhangar, invencionice de gente iauareté. Artesanato de hediondo gosto, cruel beleza. Desgostava de ódio do costume bestial da antropofagia da gente de Aé – suçuaranagem que levou seu irmão ao estômago das onças –, mas já olhou gostando das artes dos jaguaretês. As coisas emplumadas eram belas-boas.

Disseram-me que se disse que o povo de Aé tinha umas inventações boas-bonitas. Catu era a cultura material de jaguar-encantado. Uma arte plumária, boa-bonita: acangatará de cauda de japu bom-bonito, colar de osso de gavião-real para soprar à modo de apito, tinha cinturão emplumado belezando a cintura, tinha braceira boa-bonita, pulseira de pena de arara. Muita coisa emplumada bela-bela.

Aé tinha ingapema emplumada de matar gente. Aé-suguaçuvarão tinha costume de resguardo. Dieta que matador fazia dentro do quarto. Aé-matador tinha cantoria boa por ocasião da cauinagem, da beberagem, de biricutico, de seus vinhos. Por isto que este assassino criminoso que acabou com a vida do marido da Algodão estava lá – recluso.

– “O senhor Forasteiro tá com fome? Apraz ao siô esta carne, nhô Visita?” Perguntou Aé, oferecendo um pedaço de carne ex-Caapor.

– “Onçenhor-não; desculpar-me-eis, vossa onçelência. Gradeço sem tremor: ‘gradicido mas deste eu num como, não, Nhô Aé. Onçenhor: nem não num carece não, Senhônço. Apreçêio não. Essa num me apetece: a referida carnadura, Sô Onça. Meu fígado num ‘guenta, não! Que mecê me desculpeis, Nhô Siçarão, referida carne faz enojar meu fígado, a carne voltar em gumito, avomitado. Eu gomito tudo disso aí.” Recusou o mano.

Aé, suçuarana churrasqueiro, tinha copiosas embiarias em seu moquéim: acotia, paca, suaçu-foboca, suaçu-mateiro, tapiretê. Percurou carne de outro bicho que não de bicho-homem, o acanga-pixuna gente-humana. Aé pegou um saboroso porção-taiacu para oferecer ao visitante. Ao receber carne de taiacu, gordo-gorduroso, o visitante se disse

– “Sensibilizado e agradecido, îo Oînço!” E comeu a carne muito rápido, afinal se o prorrogo fosse grande, se demorasse demais, os outros jaguaretês voltariam da mata. O tempo era encurtado: quando o Sol estivesse passando do pino, já a Jaguaretezada estaria de volta de sua caçagem.

– “Onçenhor... Como o senhor, ‘nhor Aé, vai fazer quando for se apresentar, durante a cachaçada, ao sair do quarto de resguardo?” Inquiriu o cunhado de Algodão, ainda com pinta de antropólogo.

Entretanto desconfiado, A'é decidiu cantoria-ensinar – sendo informante (embora já espertasse que iria matar o pesquisador, durante a etnografia do ritual.)

– “Vou canto-ensinar ao senhor, Nhô Bugre, como é que eu faço, depois que inimigo-mato – quando saio de resguardo. Presta atenção no meu pé! Bem na ponta da unha do pé é para você olhar!” (Queria que o Caapor olhasse seu pé, na desculpa de explicar a coreografia, daria uma taca na sua cabeça preta.) E A'é cantou em ronrono ronrom rōrō grito esturro grunhido bramosia mortuália:

Êê-Ê!

Com o que fica na minha mão eu faço eles correrem!

Êê-Ê!

É Cabeça-Preta o que eu fiz desaparecer!

Êê-Ê!

O que fica na minha mão eu fabrico!

Êê-Ê!

É Cabeça-Preta o que eu *matei demais!*

Êê-Ê!

E A'é ia numa passada arrastante, o pé-esfregando no chão.

– “Olhe bem para a ponta do meu pé”, disse A'é, Caapor- avisando preste atenção. “Olhe bem para a ponta da minha unha!”. A'é queria que o Caapor olhasse para o pé de suçuarana, assim A'é poderia dar uma nele-bordoadada. Mas Caapor se entrespertou e não olhou. A'é ia e voltava arrastando o pé contra o chão, ia e voltava, ia e voltava, ia e voltava e ia e voltava. Foi e voltou assim de vezes: tantas vezes como todos os dedos de uma mão – cinco vezes.

Não muito longe daí, o tuxaua vestia seu chapéu de couro de jaguatirica, cujo rabo pendia para a parte de trás. E o tuxaua de nobres costumes dos Jaguares era um Jaguatirica. Estava tocando solenemente sua flauta – a flauta era feita de osso de suçufoboca. (Este era o instrumento dos antigos tuxauas. No povo do Caapor, só tuxaua que executava este flauteado. Todavia, ali na taba em Jaguaretama, tanto o tuxaua Jaguatirica, quanto o Suguaçuarão A'é, flauteavam.)

Os Jaguares começaram a voltar do mato, de sua caçada. De primeiro, estava chegando o menor Maracajá, UÊ! UÊ! UÊ! tendo matado muitas acotias. PU jogava no chão perto do tuxaua. Chegando na sequência o leve e ágil Suçuarana, UÊ! UÊ! UÊ! que trazia

veado-mateiro. PU! pro tuxaua Jaguatirica. Estava indo na direção do tuxaua Jaguatirica. O tuxaua que juntaria as caças.

Depois é que veio o Jaguará-Pixuna, UÊ! UÊ! UÊ! onça-preta forte que é, carregava um tapiretê nas costas! Soó-guaçu assim! O próprio Aun-onça-preta tem tamanho de tapira, jagaretê de grande que é. Jagaretê Marajoíra acinzentado de igual caçava. Os jagaretês já chegavam e HUNF! HUNF! sentiam cheiro de Cabeça-preta. (Já entrepensaram: “Vamos matar Acanga-Pixuna!”) Já comentaram uns com os onços, digo Outros: “Eia, vai ser assim! Vamo comer fígado gordo de Cabeça-Preta!” Caçaram, mas. Querentes de ver sangue, ainda.

Cansados, os onços ainda estavam sujos de sangue seco. E suados. Foram banhar no igarapé, para alimpar e refrigerar o corpo. Algumas já iam assando, fazendo churrasco de outros bichos que caçaram, para merendar antes de comer fígado de gente.

O Aé disse para o mano do Caapor:

– “É deste jeito o canto e o piseiro de matador!” Disse Aé.

– “Faz mais um pouco para eu ver. Experimenta” Pediu o mano.

– “Não, agora é sua vez, disse o Aé.” E já amarrou o acangatara na cabeça, colar no pescoço, pulseira no punho e tudo mais do Caapor. Também deu o maço de flechas e a ingapema emplumada. O Aé recomendou: “Requebre bem estas suas pernas!” E explicou de novo para o Caapor.

Foi hora de Caapor experimentar o canto de morte de inimigo que o encarniado Aé o ensinou, quando tinha comida de humano assado. Então ele testou sua voz:

Êê-Ê!

Com o que fica na minha mão eu faço eles correrem!

Êê-Ê!

É Cabeça-Preta o que eu fiz desaparecer!

Êê-Ê!

Com o que fica na minha mão eu faço eles correrem!

Êê-Ê!

É Cabeça-Preta o que eu fiz desaparecer!

Êê-Ê!

O mano Caapor ficava só de olho no Aé, (pensando consigo mesmo “Eia. Como é que vou fazer agora?!”) Ia e voltava dançando. Travisto e odioso, tentando ser o traidor das (falsas) honras que Aé lhas concedeu...

De revés e través Aé estava olhando a dança. A presa o vê, mas transvisto. Aé estava na rede. O pajé pajeava para permitir a peleja, lá no mundo superior. Com sua pajelança, conseguiu deixar Aé com sono. Aé fera ficou bobeento, sopitado, dormente.

Aé dormitava. Dormida, a cabeça de Aé pendeu para baixo em direção ao chão... Neste instante, veio vindo o último derradeiro onça. Jaguaretê pixuna, esturrando UÊ! UÊ! UÊ! que é um homem-onça-preta-guaçu muito do forte chegou.

Jaguaretê-pixuna com seu UÊ! UÊ! UÊ! avisava que erguia-trazia uma tapira nas costas. *NHUM!* Sozinho! Um tapiretê inteiro nas costas! Amarrado pelas patas! *NHUM!* Morrudo duma vez é este Jaguaruna. Carrancudo. Um morro de onça. Bruta de onça-preta, Jaguaruna é maior de que canguçu mostra. Sua força é de espantar assarapantar até verdadeiras onças jaguaretês.

A galera jaguar se admirou com Jaguar-Pixuna, se jaguariçaram. Disseram “Olha que forte!” Afinal p’ra erguer-trazer uma Tapira nas costas tem que ser é forte p’ra porra! Aé dormitando olhou também para dizer que era o parente preto retinto era forte mesmo. Sonolento virou a cabeça para parabenizar o parente onça e neste momento...

POOOU!! Acertou na testa de Aé, que ainda resistindo buscou sua ingapema emplumada! Em vão, ela estava com o mano de sua ex-presa. Caapor foi ligeiro POOOU!! Com o ingapema que Aé lhe dera migalhou a cabeça em vingança ao seu. Bateu bem na nuca de Aé: migalhou a cabeça. A caixa craniana se abriu, escorrendo miolagens de Suçuarana. A embiara caiu. Aé virou e caiu de barriga no chão, com braços e pernas abertos estatelados. Embiara-cuéra. “Tava morto. O Caapor fez um gesto de desdém mais maior de guaçu ainda (entretanto, não tinha tempo de vasar versos brasílicos, pois deveria ele vasar dali), desbocado dumavez:

– “É você que matou um Cabeça-Preta: Fedaputa! Seu porra! Eu é que sou mais homem que você! Eu é que sou gente vingadoira!” Disse o cunhado de Algodão, raivancudo.

Bem nesta hora o outro Suçuarana estava deixando o veado para o tuxaua Jaguatirica, que ainda tocava solenemente sua flauta, emblema do cacicado de épocas passadas. Logo ouviu o acontecido:

– “Parece que o Jaguapitanguçu Aé matou outro Acanga-pixuna”. Botou a questão o parente do falecido Suçuarana.

– “NÃO! FOI ACANGA PIXUNA QUE MATOU AÉ!!!!” Corrigiu a Velha Jaguaru – que no retorno da produção de farinha revesgueolhou o fugitivo.

– “TOHOHOHO!!! ALI UM CABEÇA-PRETA MATOU O AÉ!!!! TOHOHOHO! O CABEÇA-PRETA COM O AÉ ACABOU! TOHOHOHO!” Sarapantou-se, a parentela-parda do finado Aé.

Foi um jaguanhém que só jaguanhenhenhém. Outro Suçuarão já veio atrás do Caapor. À toa. Esquecera seu acangatara! Quando se mata gente, tem que ser usando o cocar. Se mata sem cocar, assim à toa, dá doença demais para eles. Por isto que o Suçuarana voltou rapidamente para pegar o acangatara. Tinha que matar com ibirapema também, voltou para pegar o tacape.

Tais suçuaranas estavam despidos sua camisa de onça-parda, estavam em estripitíze só nuzinhos de gente, com a piroca amarrada por um fio. Estes homens puma vestiram de volta sua camisa-jaguar para ficarem em Suçuarana. Estando em jaguar, estavam maneirinhos, ágeis e leves para correrem atrás do Caapor.

Era com esta camisa de couraça que os concidadãos de Aé pulariam alto e levemente como a suçuarana-embalara. Se ajaguararam vãmente. Encamisados em jaquetonças, os Suçuarões preparavam-se para os pulos saltos em alturas, pernear-se com as longas patas traseiras lançando-se em opó-pór e pererecar. Em vão.

Foi um perereco monstro, o perseguinto para pegar o Caapor. Em turbamulta-turbaonça, tudo a jaguarada ficou doida para ir atrás do Caapor. Caapor jucá, onça caapor mata! Era a jaguaretezada de Suçuarana, da mais ligeira, a massa suçuaranal que ia na frente. As outras porções de onças – outras qualidades de cores de couro – vinham em seguida: pintalgada pinima pintada (que tem malha de várias figuras) avermeiada vermelha parda preta pixuna retinta branquiçada marronzenta.

Eram várias as cores das camisas das qualidades de onça. Camisa couruma, couro jaguarum: Jaguaretê-pinima Pintada Cangussu, Jaguapitanguçu veio Malha-larga, correu avermeiada da Suçuarana Puma Onça-pintalgada-parda Marajoíra. Veio Aun Jaguaretê-pixuna Jaguaruna Jaguar preto Jaguarundi Gato-Mourisco Gato-Maracajá. Jaguaruçuçada doida. Derradeiro, o Cachorro-Vinagre HÃ-HÃI latia. Jaguonçada, jaguarunço, onçaiada, jagualera, jagonça, jaguaretezada-miséria. A jaguarama perigava.

O mano correu grande em direção ao elevador – feito de curauá e madeira chata. Chegou lá sentou e chacoalhou a corda de curauá. Puxaram-no. Puxaram-puxaram. Aproveitou o retardo do erro das onças. Suçuaranas tentaram pegar ele, em vão: uma suçuarana pulava, quase acertava e PI! caía de volta no chão, e PI, de novo caía, e outra de novo caía.

O Caapor que matou o Aé estava cansado mesmo da correria e do assassinato. Quase caco véio já num guentô a prissiguição. Afatigado, chegando lá caiu desmaiado-

morto. Pajé chegou no lá-recém-chegado mano e assoprou fumo. Reanimou, ressuscitou zuretado. Estava ainda meio pamonha apalermado: – “Tá vindo é suçuarana! É onça que já vem me comer!”

Suçuarana que é rápido que vem, arribando primeiro. Conseguiram pegar a corda. Os outros parentes caapor então foram emborcando os panelões que estavam perto da voçoroca. Jogaram água quente. Queimou tudo o Suçuarana que caiu com seus olhos já cozidos esbranquiçados caindo-derrubando os outros Jaguares. Caiu um, depois bateu outro e outro que bateu no próximo e outros que derribaram em outro e derribou outro, enfim caiu o derradeiro. Derribaram tudo os Jaguares. Os olhos das onça ficaram tudo branco de cozidos. Todos se acabaram no chão, mortos. Os que estavam junto ainda lá embaixo do buraco, também viraram cozido de onça.

– “É mataram muitos, mesmo.” Disse o pajé, alertando: – “Vão olhar lá embaixo, ver se ficou alguém.”

Outros caapores voltaram lá para ver.

Tinha uma casa lá com gente. Era a casa de uma Jaguaretê muito velha mesmo. de Cabelo-pelagem branquiiinho que era. O seu marido, Jaguar-Velho, estava cortando tiras finas de carne de gente para comer. Jaguaru caquética coroca corronça. A bocarra da velhota já em desdentadura. Sem sua bruta dentição, sem a potente dentama de bicha-fera. O véio onça raspava carne de Caapor, esfaquetando com sua quicé, ajuntando em sua palma de mão-pata pedacinhos que conseguiriam mucunar. Sem suú-suú, mordiscar, com dificuldade. A pata da velha tinha dedo para segurando o naco de carne de gente ficar chupando lambendo, embabando-se de saliva, na banguela bocarra canibal.

– “Aí você está.” Disse um Caapor ao casal idoso-onça.

– “É ‘tou aqui.” Arrespondeu-lhe o Jaguar velhaco.

– “Agora vou acabar com você!”

– “Num me mata, não!! Eremuaci... eiucáumê!! Nuum mim mata!!!” Implorou a velha Jaguar para um Cabeça-Preta. Em vão, logo POU! POU! Esmigalhando o cabeção da acanguçu.

Então bateram. Mataram os Aés. Acabaram com eles. Assim que fizeram com os jagaretês.

O mano se vingou. A taba de Aé taperou-se. Desonçaram; desjaguarou-se. Desjaguararam este mundo debaixo da terra. Nem não acabassem com a raça dos aé, alimpando o mundo da jaguonçada braba, os caapores acabar-se-iam em caçada de

miçanga. Iam morrer gente na suçuaranagem. Ia ser só preação e vingança a modo de os antigos se desastrarem duma vez.

Algum diz que se acabou A'é. Outro que se ali acabou A'é, de certo que tem mais tabas de A'é em outros lugares – aqueles ancestrais falecidos acabaram só com uma. É certo que ainda se encontram pelo mato quaras de A'é, porta de jagaretê meleiro. Ainda nas noites enluaradas é possível ouvir a ventania-suçuarana em busca da fruta da jupuúba. Outra opinião é de que o que restou foi a alma deles. Assim, no mato, o que faz zoadá é espírito de jagaretê meleiro.

O mano chegou na casa de seus pais e disse:

– “Já acabei com A'é.”

– “Tá bom.”

Havia muitas tapiras gordurentas que os Caapor trouxeram de-comer. De lá trouxeram a última remessa de ossada de A'é, azul-verde bom-belo de miçanga. Vingou-se o mano e a partir dali gente não faz mais adorno de osso de A'é. Entretanto, trouxeram a artefactos emplumados de A'é. Diz-se que foi da aldeia de Jaguar, de debaixo da terra, que o cunhado da Algodão Caapor e outros rapazes voltaram na manhã seguinte. Trouxeram a ingapema – assim que os Ka'apor aprenderam a fazer a sua borduna.

Trouxeram acangatara de rabo de japu, trouxe colar com osso de perna de uiraçu, trouxe braçadeira de pena de japu com pena de mutum, pulseira de pena de arara, trouxe colar com pena de anambé-azul, chegaram trazendo também brincos feitos com penas do passarinho azul – que chamam de “flores da orelha”. Tembetás para enfiar em buraco debaixo do lábio. Todos estes artifícios, a bela arte de penas, os antigos Ka'apor experimentaram o de fazer, matando aves para tirar as penas. Conseguiram fazer.

Dos jaguares viram estas plumas em artes. A sustância é de aves entrefeita, a forma é dos Jaguares. [As aves tem como princípio de suas belezas, suas cores, explicada por outra fala dos antigos: aquela que conta a morte de uma Cobra Grande da qual a alma é o Arco-Íris], Assim que os falecidos avós dos Ka'apor aprenderam a fazer suas joias de penas, e não mais de osso de jaguar-A'é. Largaram de mão de A'é-prear. 'Cabaram com eles. Saber de uns = morte de Outros.

Era bela-bona a invencionice da tribo Jagaretês. Ficaram fazendo esta plumária. Até hoje fazem. Foi a plumária do A'é que trouxeram. Olharam ela, e tentaram fazer. Conseguiram copiar. Depois de amansarem os temíveis índios Urubus, entre o Maranhão e o Pará, os Caraíbas celebraram a beleza da arte Ka'apor – roubada de A'é. Camaradas antropólogos fizeram coleções. (Alguma do Dotô Ndaracy, diz-se-que a maior delas, até

queimou reduzida a cinzas com o finado acervo do Museu Nacional.) Caraíbas fizeram tráfico para coleções particulares.

Hoje em dia, o que sabe, faz. Aquele que não sabe, num faz. Que apesar de famosa, a plumária, agora não é tão popular: metem mais miçangas de trazidas de não se sabe onde quem faz. (Caraíbas miçangas fazem? Americanos? Ou nascem de merda de Tapuru? “Tá aí uma questão.) As que agora tem nome de “Preciosa” na preçosa sacola-embalagem. As mulheres ka’apor ficam doida atrás de miçanga “Preciosa”, ralhando quando são mal distribuídas, e algumas só ficam com poucas.

Não copiam tanto, não são mais tão copiosas as cópias das coisas de Aé. Agora copiam de outros parentes (uso da voz emprestada do idioma de Caraíba que serve para dizer “índio”). Mesmo na internet é bom de procurar tipo de artesanato de miçanga de parente p’ra copiar.

É só isso.

Agora acabou.

Recebido em 15 de fevereiro de 2025.

Aceito em 15 de julho de 2025.

Resumo

Esta é uma versão pessoal do mito de Aé, que narra a origem da plumária do povo ka'apor. Segundo a história, os antigos enfeites e joias ka'apores eram feitos com os ossos de Aé — uma suçuarana encantada, de ossada azul-esverdeada. Um caçador tenta matar um Aé para agradar sua esposa, mas falha e é morto. Seu corpo é levado para a aldeia subterrânea dos jaguares, onde é canibalizado. O irmão do caçador decide se vingar, desce até esse mundo inferior, mata o Aé responsável e descobre os belos ornamentos usados pelos jaguares: a plumária.

Palavras-chave: Ka'apor; Mito; Plumária; Suçuarana encantada; Vingança.

Abstract

This is a personal version of the Aé myth, which tells the origin of Ka'apor featherwork. According to the story, the traditional ornaments and jewelry of the Ka'apor people were once made from the bones of Aé — an enchanted cougar with blue-green bones. A hunter tries to kill an Aé to please his wife but fails and is killed. His body is taken to the underground village of the jaguars, where it is cannibalized. The hunter's brother sets out to avenge him, descends into this subterranean world, kills the Aé responsible, and discovers the beautiful feather ornaments worn by the jaguar people.

Keywords: Ka'apor; Myth; Featherwork; Enchanted Cougar; Revenge.